O APELO DA SELVA

JACK LONDON



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Jack London – O apelo da selva

Jack London

O apelo da selva

Rumo ao primitivo

Erguem-se velhos anseios nômades, contra a corrente do hábito;

De novo, do seu sono brumoso, desperta a estirpe ferina.

Buck não lia os jornais, por isso não sabia que iriam surgir problemas, não só para si próprio como para todos os cães de grande porte, com músculos poderosos e pêlo longo e quente, de Puget Sound a San Diego. E isso porque os homens, tateando na escuridão ártica, tinham encontrado um metal amarelo e, tendo em vista o enorme valor atribuído à descoberta pelas companhias de navegação e transportes, precipitavam-se aos milhares para as terras do Norte. Esses homens queriam cães, cães possantes, com músculos fortes para o trabalho e pêlo espesso que os protegesse do gelo.

Buck vivia numa casa no ensolarado vale de Santa Clara. Chamavam-lhe Casa do Juiz Miller. Estava afastada da estrada, semi-escondida entre as árvores, através das quais se podia entrever a grande varanda fresca que corria a toda a volta da construção. O acesso fazia-se por caminhos de cascalho que serpenteavam ao longo de vastos relvados e sob os ramos entrelaçados de grandes choupos. Os fundos eram ainda mais

espaçosos que a frente. Aí ficavam os grandes estábulos, onde imperava a algazarra de uma dúzia de moços de cavalariça e mais rapazes, filas de casas de criados forradas de trepadeiras, um infindável e ordenado conjunto de anexos, extensas vinhas, pastagens verdes, pomares, plantações de grão. Mais adiante perfilavam-se as instalações da bomba para o poço artesiano e o grande tanque de cimento onde os filhos do juiz Miller davam o seu mergulho matinal e encontravam frescura no calor da tarde.

Eram esses os domínios de *Buck.* Ali tinha nascido e vivido os quatro anos da sua vida. Era verdade que havia outros cães - tinha de haver outros cães, numa propriedade tão vasta -, mas esses não contavam.

Iam e vinham, residiam nos populosos canis ou levavam vidas obscuras nos recessos da casa, tal como *Toots, o* cãozinho japonês, e *Ysabel,* a cadela mexicana sem pêlo, criaturas estranhas que raramente punham o nariz fora das portas ou os pés no campo e que, protegidas por uma legião de criadas armadas de vassouras e esfregões, espreitavam pelas janelas a boa vintena de *fox terriers* que lhes ladrava terríveis ameaças.

Buck não era cão de casa nem de canil, todo o território lhe

pertencia. Mergulhava no tanque e caçava com os filhos do juiz, acompanhava Mollie e Alice, as filhas, em longos passeios ao crepúsculo e de manhãzinha, nas noites de Inverno deitava-se aos pés do juiz, diante da lareira crepitante da biblioteca, levava os netos do juiz às costas, brincava com eles na relva e guardava-os nas suas perigosas aventuras até à fonte, no pátio dos estábulos e mais longe ainda, até junto das cercas dos cavalos e das plantações de grão. Caminhava imperiosamente entre os *terriers* e, quanto a *Toots e Ysabel,* procedia como se não existissem, porque era rei - rei sobre todas as coisas rastejantes, trepadoras, voadoras na Casa do Juiz Miller, incluindo as pessoas.

O seu pai, Elmo, um enorme São Bernardo, tinha sido o companheiro inseparável do juiz e Buck prometia seguir-lhe as pegadas. Não era tão grande - só pesava 63 kg - porque a sua mãe, *Shep,* era uma cadela pastor-escocês. No entanto, 63 kg, acrescidos da dignidade que advém de uma vida farta e do respeito geral, permitiam-lhe manter um porte verdadeiramente real.

Gozava desde cachorro a vida de um aristocrata saciado, era orgulhoso, mesmo um pouco egoísta, como acontece a certos senhores rurais devido à sua posição quase insular. Mas soubera preservar-se, não se transformando num mero cão mimado. A caça

e o gosto pelo ar livre tinham-no mantido esbelto e enrijecido os seus músculos, o amor pela água, próprio da sua raça, agira como tônico e conservara-lhe a saúde.

Assim era *Buck* no Outono de 1897, quando a descoberta do Klondike arrastou homens de todo o mundo para o Norte gelado. Mas *Buck* não lia os jornais nem sabia que Manuel, um dos ajudantes de jardineiro, era um conhecimento indesejável. Manuel tinha um grande defeito: adorava jogar loteria chinesa. No seu jogo tinha uma grande fraqueza: fé em um sistema e isso representava ruína certa, porque jogar com um sistema exige dinheiro e o salário de um ajudante de jardineiro não ultrapassa as necessidades de uma mulher e de numerosa prole.

O juiz estava numa reunião da Associação de Cultivadores de Uvas Passas e os rapazes ocupados em organizar um clube

desportivo na noite memorável da traição de Manuel. Ninguém o viu sair com *Buck* pelo pomar, no que este imaginava ser um simples passeio. E ninguém, a não ser um homem solitário, os viu chegar à pequena estação conhecida por College Park. Esse homem conversou com Manuel e passou-lhe dinheiro para as mãos.

- Podia embrulhar a mercadoria antes de entrega-la - disse o estranho com rudeza, e Manuel atou uma grossa corda ao pescoço de *Buck* por baixo da coleira.

- É só rodá-la que o esgana à vontade - anunciou, e o estranho grunhiu uma pronta aprovação.

Buck aceitara a corda com uma dignidade tranqüila. Embora aquele fosse um ato inusitado, ele tinha aprendido a confiar nas pessoas da casa e a reconhecer-lhes uma sabedoria superior à sua. No entanto, quando as pontas da corda foram colocadas nas mãos do estranho, rosnou ameaçadoramente. Manifestava o seu descontentamento, convencido, no seu orgulho, de que exprimir um desejo era mandar. Para sua grande surpresa, a corda estreitou-se no seu pescoço, sufocando-o. Tomado de cólera, lançou-se sobre o homem mas este antecipou-se, agarrou-o com firmeza pela garganta e arremessou-o de costas com um empurrão. Então, a corda apertou sem piedade e Buck lutou com fúria, a língua pendendo-lhe da boca e o peito largo arquejando em vão. Nunca na sua vida tinha sido tão maltratado e nunca na sua vida tinha estado tão zangado. Mas as forças faltaram-lhe, os olhos ficaram vidrados e já tinha perdido os sentidos quando o trem arrancou e os dois homens o atiraram para dentro de um furgão. Ao voltar a si, sentia a

língua dolorida e compreendeu que estava sendo levado aos solavancos num veículo desconhecido. O silvo rouco de uma locomotiva num cruzamento revelou-lhe onde estava. Tinha viajado muitas vezes com o juiz para não conhecer a sensação de ser transportado num furgão. Abriu os olhos e neles faiscou a ira incontida de um rei raptado.

O homem quis agarrar-lhe a garganta, mas *Buck* foi mais rápido: cravou os dentes na mão que o atacava e não abrandou até que a falta de ar o fez perder de novo os sentidos.

- Sim, tem ataques - disse o homem, escondendo a mão ferida do bagageiro, que fora atraído pelo barulho da luta. - O patrão mandou-me levá-lo a Frisco. Há um médico de cães lá que diz que pode curá-lo.

Mais tarde, num barracão nos fundos de uma taberna do porto de S. Francisco, o homem lançou-se num eloqüente panegírico de si mesmo.

3

- Só recebo cinqüenta por isto - resmungou - e não voltaria a fazê-lo por mil, dinheiro contado.

Tinha a mão embrulhada em um lenço ensangüentado e as calças estavam rasgadas na perna direita, do joelho ao tornozelo.

- Quanto é que o outro cara recebeu? - quis saber o taberneiro.

- Cem - foi a resposta. - Não aceitou um tostão menos, juro por Deus.

- Isso faz cento e cinqüenta - declarou o taberneiro - e ele os vale, ou eu sou um idiota.

O raptor desembrulhou o lenço ensangüentado e olhou para a mão lacerada:

- Se eu não ficar com raiva...

-... será porque nasceu para a forca - troçou o taberneiro, acrescentando: - Vá, me ajude antes de ir receber.

Aturdido, sofrendo dores insuportáveis na garganta e na língua, semimorto por estrangulamento, Buck tentou enfrentar os seus algozes. Mas foi derrubado e esganado repetidas vezes, até eles conseguirem cortar a pesada coleira de latão que trazia no pescoço. A corda foi então retirada e *Buck* metido numa espécie de jaula.

Ali ficou o resto da noite, com a sua cólera e o seu orgulho ferido. Não conseguia compreender o que lhe acontecia. O que queriam dele aqueles homens estranhos? Porque o manteriam encolhido naquela grade apertada? Oprimia-o um pressentimento de

desgraça iminente. Diversas vezes durante a noite se levantou de um salto, ao ouvir abrir-se a porta do barracão, na esperança de ver o juiz ou pelo menos os rapazes. Mas era apenas o rosto redondo do taberneiro, que o espreitava à luz doentia de uma vela de sebo e o latido alegre que tremia na garganta *de* Buck transformava-se num rosnado selvagem.

Contudo, o taberneiro deixou-o em paz e, pela manhã, quatro homens entraram e pegaram a grade. Mais algozes, concluiu *Buck,* vendo que eram criaturas de aspeto maldoso, andrajosos e desleixados, enfureceu-se e arremeteu contra eles através das grades. Eles riam e atiçavam-no com paus, que ele de pronto estraçalhava até que compreendeu não estar senão fazendo o que eles queriam. Deitou-se então com solenidade e consentiu que a grade fosse levada para uma carroça. Aí principiou, para si e para a grade na qual estava aprisionado, uma passagem de mão em mão. Mensageiros especiais encarregaram-se dele: foi levado em outra carroça; transportado para um vapor juntamente com um sortido de

caixas e pacotes, levado do vapor para um grande armazém ferroviário e, finalmente, depositado num vagão expresso.

O vagão arrastou-se dois dias e duas noites, atrelado a locomotivas estridentes e todo esse tempo *Buck* não comeu nem bebeu. Na sua fúria, tinha reagido, rosnando, aos primeiros gestos dos mensageiros especiais e eles haviam retaliado provocando-o. Quando se atirava contra as grades, tremendo e espumando, os homens riam, escarneciam-no. Rosnavam e ladravam como cães odiosos, miavam, batiam os braços e grasnavam. A consciência que tinha de que tudo aquilo era absurdo tornava mais grave ainda o ultraje feito à sua dignidade e a sua raiva não parava *de crescer.*
Não se importava muito com a fome, mas a falta de água causava-lhe um sofrimento atroz e levava-o a uma fúria febril. Sendo, como era, emotivo e muito sensível, os maus tratos tinham-lhe provocado febre, a qual era agravada pela inflamação da garganta e língua, secas e inchadas.
Uma coisa o alegrava, já não tinha a corda ao pescoço. Isso dera uma vantagem injusta aos seus inimigos, mas agora, liberto, iria enfrentá-los. Nunca mais lhe atariam outra corda. Era ponto acertado. Por dois dias e duas noites não comeu nem bebeu e durante esses dois dias e noites de tormento acumulou um fundo de cólera que não augurava nada de bom à primeira pessoa que o incomodasse. Os seus olhos injetaram-se de sangue e Buck

transformou-se num demônio enfurecido. Estava tão mudado que nem o próprio juiz o reconheceria e os mensageiros especiais respiraram de alívio quando o descarregaram do trem em Seattle.

Quatro homens transportaram cautelosamente a grade para um pátio pequeno, rodeado por muros altos. Um homem entroncado, envergando uma camisa vermelha que lhe pendia solta à volta do pescoço, saiu e assinou o registro de entrega. Intuindo que aquele homem seria o seu próximo algoz, Buck atirou-se selvagemente contra as grades. O homem torceu os lábios num sorriso ameaçador e foi buscar uma machadinha e um bastão.

- Não vai soltá-lo agora? - perguntou o condutor.

- Claro - replicou o homem, principiando a quebrar a grade com a machadinha.

Houve uma debandada imediata dos quatro carregadores, que, empoleirados a salvo no topo de um muro, se dispuseram a assistir ao espetáculo.

Buck precipitou-se para a madeira estilhaçada, mordendo, puxando, lutando com ela. Onde a machadinha caísse no exterior, estava ele no interior, mostrando os dentes e rosnando, tão

furiosamente ansioso por sair como o homem de camisa vermelha

determinado em fazê-lo sair.

- Agora, seu demônio de olhos vermelhos! - exclamou o homem quando alargou uma abertura suficiente para dar passagem ao corpo de *Buck.* Ao mesmo tempo, largou a machadinha e passou o bastão para a mão direita.

Buck era na verdade um demônio de olhos vermelhos ao preparar o salto, com o pêlo eriçado, a boca espumando e um brilho enlouquecido nos olhos injetados de sangue. Atirou-se direto ao homem, os seus 63 kg de fúria multiplicados pelo desespero reprimido de dois dias e noites. Estava em pleno vôo, as mandíbulas prontas a cerrar-se sobre o seu adversário, quando recebeu uma pancada que o suspendeu no ar. Os dentes bateram uns contra os outros com um estalo agonizante, o corpo rodopiou e estatelou-se de costas no solo. Nunca antes fora atingido por um bastão e não o compreendia. Com um rosnado, quase grito, pôs-se de novo em pé e lançou-se sobre o homem. E outra vez a pancada o arremessou ao chão. Agora sabia que era o bastão, mas a sua loucura não conhecia prudência. Doze vezes avançou e doze vezes o bastão quebrou a carga e o derrubou.

Após um golpe particularmente violento ergueu-se com dificuldade, muito aturdido para atacar. Cambaleou, fios de sangue

escorriam-lhe do nariz, boca e orelhas, o seu belo pêlo estava manchado de espuma sanguinolenta. O homem avançou então e, deliberadamente, vibrou-lhe um golpe brutal no nariz. Toda a dor que já tinha suportado nada era, comparada com esta extrema agressão. Com um rugido quase leonino na sua ferocidade, atirou-se de novo ao seu algoz. Mas este, passando o bastão para a mão esquerda, agarrou-o friamente pelo maxilar inferior, torcendo para baixo e para trás. *Buck* descreveu um círculo a meio no ar e aterrou sobre a cabeça e o peito.

Foi a sua última carga. O homem vibrara o golpe fatal, que retivera propositadamente durante tanto tempo, e *Buck* levantou-se para logo tombar, num desmaio total.

- Não é nada ruim domando cães, não senhor - gritou um dos homens, entusiasmado, do alto do muro.

- Bichos destes, come-os o Druther todos os dias no café da manhã - replicou o condutor, enquanto subia para a carroça e incitava os cavalos.

Entretanto, Buck recuperava os sentidos, mas não as forças. Estava estendido no lugar onde caíra e daí observava o homem de camisa vermelha.

Jack London – O apelo da selva

- Atende pelo nome de *Buck* - dizia o homem para si mesmo, citando a carta com que o taberneiro anunciara o envio da grade e seu conteúdo.

- Bem, Buck, meu rapaz - prosseguiu numa voz jovial -, tivemos o nosso confrontozinho e o melhor a fazer é pararmos por aqui. Aprendeu qual é o teu lugar e eu conheço o meu. Seja um bom cão e tudo vai correr bem, sem problemas. Porte-se mal e eu dou-lhe uma surra das antigas. Entendeu?

Ao falar, acariciava sem medo a cabeça que tão sem piedade surrara e, embora o seu pêlo se eriçasse sob o toque, Buck suportou as carícias sem protestar. Quando homem lhe trouxe água, bebeu-a com vontade e, mais tarde, comeu uma generosa refeição de carne crua, pedaço a pedaço, da mão do homem.

Fora derrotado (sabia disso), mas não quebrara. Tinha compreendido, de uma vez por todas, que não podia vencer um homem armado com um bastão. Tinha aprendido a lição e a recordaria pelo resto da vida. Aquele bastão fora uma revelação. Era a sua iniciação no universo da lei primitiva e *Buck* era um bom aprendiz. A vida adquiria uma nova ferocidade que, sendo enfrentada sem medo, despertava a astúcia latente na sua natureza.

Com o correr dos dias, outros cães foram chegando, em grades ou na ponta de cordas, uns dóceis, outros rugindo enfurecidos como ele chegara. E, um após outro, todos passaram pelo domínio do homem de camisa vermelha. A cada repetição desse espetáculo brutal, a lição ganhava corpo em *Buck:* um homem com um bastão era lei, um senhor a quem não se podia recusar obediência, embora não fosse necessário dedicar-lhe amizade. Buck nunca cedeu a tal baixeza, apesar de ter visto cães espancados que bajulavam o homem, abanavam as caudas e lhe lambiam a mão. Viu também um cão, que não se dispunha a obedecer nem a cativar o homem, ser morto na luta impiedosa pelo poder.

De vez em quando chegavam estranhos que se dirigiam ao homem de camisa vermelha com excitação, de modo lisonjeiro, em toda a espécie de tons. Nas ocasiões em que trocavam dinheiro, os estranhos levavam um ou mais cães consigo. Vendo que estes nunca regressavam, Buck interrogava-se onde iriam e sentia um medo crescente do futuro que o deixava contente por não ser escolhido.

No entanto, a sua vez acabou por chegar, na forma de um homenzinho seco de carnes, de pele curtida, que cuspia um inglês mascavado e soltava exclamações estranhas e pedantes, que *Buck*

não compreendia.

7

- *Sacredam!* - exclamou o homem, quando deu com os olhos em *Buck.* - Aquele é que é um cão valente! Quanto custa?

- Trezentos e é de graça - foi a resposta pronta do homem de camisa vermelha. - E como é o Governo que paga, não tem nenhum susto, hein, Perrault?

Perrault sorriu. Sabendo que a procura descontrolada fizera subir em flecha o preço dos cães, a soma pedida por um animal com tão boa aparência não lhe parecia excessiva. O Governo canadense não ficaria perderia e as suas mensagens não seguiriam mais devagar por isso. Perrault era um conhecedor e ao olhar para *Buck* achou que um cão como aquele haveria um em mil.

- Um em dez mil - comentou mentalmente.

Buck viu dinheiro nas mãos dos dois homens e não ficou surpreso quando ele e Curly, uma terra-nova com bom feitio, foram levados pelo homenzinho de pele curtida. Não voltaria a ver o homem de camisa vermelha e, quando ficou com *Curly* no convés do *Narwhal*, com Seattle a afastar-se, estava vendo as terras quentes do Sul pela última vez. Os dois cães foram depois levados para baixo por Perrault e entregues a um gigante de rosto negro

chamado François. Perrault era canadense francês e moreno, François canadense francês mestiço, duas vezes mais moreno. Representavam um tipo de homem que era novo para Buck, mas que o destino viria a pôr diversas vezes no seu caminho e, embora nunca se tivesse afeiçoado a eles, *Buck* veio a dedicar-lhes verdadeiro respeito. Depressa concluiu que Perrault e François eram homens justos, calmos e imparciais na administração de justiça, demasiado conhecedores dos hábitos dos cães para se deixarem enganar por eles.

No Narwhal, Buck e Curly juntaram-se a dois outros cães.

Um deles era um grande cão de Spitzbergen, branco como a neve, que fora trazido pelo capitão de um baleeiro e acompanhara uma expedição geográfica às Barrens. Era amigável, mas traiçoeiro, capaz de sorrir enquanto lograva os companheiros, o que fez logo na primeira refeição, roubando a comida de *Buck.* Este saltou para castigá-lo, mas o chicote de François antecipou-se, estalando sobre o culpado, e *Buck* teve de se contentar com recuperar o osso. Concluiu que François procedera com justiça e assim principiou a ascensão do mestiço na sua consideração.

O outro cão não fazia, nem aceitava, qualquer tentativa de aproximação, como também não fazia qualquer esforço para roubar

os recém-chegados. Era um bicho sombrio e taciturno, que logo mostrou a Curly que não desejava senão que o deixassem em paz e que muito se aborreceria caso fosse incomodado. Chamava-se

Dave, comia e dormia, bocejava de quando em vez e não demonstrava interesse por coisa alguma. Mesmo quando, ao atravessar o estreito da Rainha Carlota, o *Narwhal* rolou, balançou, cabriolou como possesso, enquanto Buck *e Curly,* presos de uma excitação crescente, ficavam meio loucos de medo *Dave* apenas levantou a cabeça, enfastiado, lançou-lhes um olhar indiferente, bocejou e adormeceu de novo.

Dia e noite o navio vibrava à infatigável cadência da hélice e, embora cada dia fosse muito semelhante ao anterior, era evidente para Buck que o clima ia esfriando sem cessar. Por fim, uma manhã a hélice ficou silenciosa e uma atmosfera de excitação perpassou pelo *Narwhal.* Ele sentiu-a, tal como os outros cães, e soube que se avizinhava uma mudança. François colocou-lhes as trelas e levou-os para o convés. Ao primeiro passo sobre a superfície fria, as patas de Buck afundaram-se numa coisa branca e macia, muito semelhante a lama. Buck recuou, rosnando. Havia mais daquela coisa branca

caindo do ar. Sacudiu-se, mas a coisa voltou a cair sobre o seu corpo, Cheirou-a, com curiosidade, depois recolheu um bocadinho com a língua. Aquilo mordia como o fogo e num instante desapareceu. Ficou perturbado. Provou de novo, com os mesmos resultados. As pessoas à sua volta riam ruidosamente e ele sentiu vergonha sem saber por quê. Era a sua primeira neve.

Bastão e presas

Buck viveu como um pesadelo o primeiro dia na praia de Dyea. As horas sucediam-se prenhes de choque e surpresa. Fora arrancado do cerne da civilização para ser lançado no mais primitivo dos mundos. Esta já não era uma vida de lazer, passada preguiçosamente e entediando-se sob um sol risonho. Aqui não havia paz, nem descanso, nem um só momento de tranqüilidade. Tudo era ação e confusão, cada instante punha a vida e a integridade em risco. Era imperioso permanecer alerta, porque homens ou cães, aqui, em nada se assemelhavam a homens ou cães das cidades. Eram selvagens, todos eles e não conheciam lei que não fosse a do bastão e das presas.

Nunca vira um cão lutar como estas criaturas ferozes lutavam e a sua primeira experiência serviu-lhe de inesquecível lição. Em verdade, tratou-se de uma experiência indireta, caso

contrário ele não teria vivido para aproveitá-la. Foi *Curly* a vítima. Estavam parados junto ao armazém e ela, com a sua amigável maneira de ser, procurou entabular relações com um *husky*, que,

sendo embora do tamanho de um lobo adulto, não atingia sequer metade do volume dela. Não houve qualquer aviso: apenas um salto fulminante, um bater metálico de dentes, um recuo igualmente veloz e o focinho de *Curly* estava rasgado do olho à mandíbula.

Era o modo de lutar dos lobos, ferindo e recuando, mas havia mais: trinta ou quarenta *huskies* correram para o local, fechando os contendores num círculo silencioso e atento. *Buck* não compreendia aquele silêncio tenso, o modo impaciente como lambiam os beiços. Curly carregou sobre o seu antagonista, que mais uma vez a feriu e saltou para o lado. O ataque seguinte foi rechaçado por ele com o peito, de forma a fazê-la cair. Não mais se levantou. Era o que os outros *huskies* esperavam. Cerraram o círculo, rosnando e uivando, e ela foi submergida, latindo de agonia, pela massa hirsuta de corpos.

Foi tudo tão repentino e inesperado que *Buck* ficou paralisado de surpresa. Viu a língua escarlate de Spitz mover-se em ar de riso e viu François, brandindo um machado, saltar para o

emaranhado de cães. Três homens com bastões foram em seu auxílio. Foram rápidos: dois minutos após a queda de *Curly,* o último dos seus antagonistas era afastado à bastonada. Mas ela estava estendida, flácida e sem vida, o corpo despedaçado sobre a neve espezinhada e ensangüentada, enquanto o mestiço, de pé diante dela, praguejava horrivelmente. Buck iria reviver aquela cena em sonhos pelo resto da vida. Portanto, era assim. Não havia regras. Cair era morrer. Pois bem, ele trataria de nunca cair. Spitz voltou a deslizar a língua, rindo, e, a partir desse momento, Buck votou-lhe o mais profundo e amargo dos ódios.

Ainda não tinha se recuperado do choque causado pela trágica morte *de Curly,* já um novo choque o esperava. François fixava um conjunto de correias e fivelas à sua volta. Eram arreios, semelhantes aos que ele via colocar nos cavalos, em casa. E, tal como os cavalos trabalhavam, era agora a sua vez de trabalhar, puxando François num trenó em direção à floresta que bordejava o vale e regressando com uma carga de lenha. Embora se sentisse profundamente ferido na sua dignidade ao ver-se transformado em animal de tiro, era muito sensato para se rebelar. Empenhou-se em fazer o seu melhor, apesar de tudo lhe parecer tão novo e estranho. François era firme, exigindo obediência imediata e obtendo-a com o

chicote, por seu lado Dave, que era um experiente cão de varais, mordia-lhe os quartos traseiros sempre que ele se enganava. Spitz, não menos experimentado, ocupava o posto de chefe, e, embora nem sempre conseguisse chegar a *Buck* com os dentes, ora rosnava uma veemente reprovação ora atirava judiciosamente o seu

peso sobre os tirantes, de modo a empurrá-lo na direção certa. Buck aprendia com facilidade e, sob o estímulo combinado da instrução de François e dos seus dois companheiros, fez progressos notáveis. Antes do fim do percurso já sabia o bastante para parar ao som de "Ho", avançar ao som de "Vai", seguir um trajeto largo nas curvas e evitar o cão atrelado atrás de si quando o trenó, carregado, acelerava sobre eles nas descidas.

- Três cães muito bons - disse François a Perrault.

- Aquele *Buck* puxa bem como touro. Vou ensiná-lo enquanto o diabo esfrega um olho.

Perrault, que tinha pressa de se pôr a caminho com as suas mensagens, voltou à tarde com dois outros cães. Chamavam-se *Billee e Joe,* eram irmãos e verdadeiros *huskies.* Contudo, e apesar de filhos da mesma mãe, formavam um par de opostos. Billee tinha,

como único defeito, um feitio excessivamente bom, ao passo que *Joe* era azedo e introvertido, com uma rosnado perpétuo na boca e um olhar perverso. Buck recebeu-os amistosamente, Dave ignorou-os e *Spitz* ocupou-se em surrar primeiro um, depois o outro. *Billee* abanou a cauda apaziguadoramente, voltou-se para fugir ao ver que o seu gesto era inútil, e ganiu (ainda apaziguadoramente) quando os dentes aguçados do chefe se cravaram no seu flanco. Mas, quanto a *Joe,* por muito que Spitz girasse à sua volta, ele enfrentou-o. Rodando sobre si mesmo, o pêlo eriçado, as orelhas recuadas, os lábios repuxados, mostrando os dentes e rosnando, estalando as mandíbulas numa veloz sucessão de dentadas, um brilho diabólico nos olhos, era a encarnação beligerante do medo. Tão terrível era o seu aspeto que Spitz se viu obrigado a renunciar a discipliná-lo. Para disfarçar o seu vexame, voltou-se contra o inofensivo e lastimoso *Billee e* expulsou-o até aos limites do acampamento.

Ao anoitecer, Perrault arranjou outro cão, um velho husky, comprido, magro e lúgubre, com o focinho marcado pelas cicatrizes de inúmeras batalhas e um único olho, onde brilhava uma intrepidez que impunha respeito. Chamava-se *Solleks,* o Zangado. Tal como *Dave,* não pedia, não dava, não esperava nada e quando avançou, lenta e deliberadamente, pelo meio deles, até *Spitz* lhe respeitou a

solidão. Tinha uma peculiaridade que *Buck* teve o azar de descobrir: não gostava que se aproximassem dele pelo seu lado cego, *Buck* foi o culpado involuntário dessa ofensa e tomou consciência da sua indiscrição quando *Solleks se* virou contra ele e lhe retalhou a espádua até ao osso. Desde então, *Buck* cuidou de evitar o seu lado cego e nesta camaradagem não voltou a haver qualquer conflito. A única aspiração aparente de *Solleks,* tal como de *Dave,* era ser

deixado em paz; contudo, como Buck viria a descobrir, ambos alimentavam uma outra ambição mais vital.

Essa noite veio colocar a *Buck* a grave questão de dormir. A tenda, iluminada por uma candeia, brilhava convidativa na planura branca, quando ele, muito naturalmente, lá entrou, tanto Perrault como François o bombardearam com uma chuva de insultos e utensílios de cozinha, até que ele se recuperou da sua consternação e fugiu, envergonhado, para a friagem exterior. Soprava um vento gelado que o atravessava como agulhas e cortava com particular crueldade a sua espádua ferida. Estendeu-se na neve e tentou dormir, mas depressa o gelo o fez levantar, tremendo. Infeliz e desconsolado, perambulou por entre as muitas tendas, apenas para concluir que cada lugar era tão frio como o anterior. Aqui e ali era

ameaçado por cães selvagens, mas, porque estava aprendendo depressa, *Buck* eriçava o pêlo do pescoço e rosnava e eles deixavam-no seguir o seu caminho sem o molestar.

Por fim, teve uma idéia. Regressaria e veria como os seus companheiros de equipagem estavam de acertando. Para sua grande surpresa, verificou que todos haviam desaparecido. Mais uma vez perambulou pelo grande acampamento, procurando-os, e mais uma vez regressou. Estariam na tenda? Não, isso não podia ser, se não ele não teria sido expulso. Mas, então, onde poderiam estar? Com a cauda caída e o corpo tremendo, totalmente desamparado, contornou a tenda sem saber para onde ir. De súbito, a neve cedeu sob as suas patas e ele afundou. Em baixo, algo se mexia. Buck *recuou* de salto, rosnando, com o pêlo eriçado, temeroso do invisível e do desconhecido, mas um latido amigável acalmou-o e ele adiantou-se para investigar. Um bafo de ar quente atingiu-lhe as narinas e lá em baixo, enrolado numa bola sob a neve, estava *Billee.* Latiu apaziguadoramente, meneou-se e enroscou-se, para demonstrar as suas boas intenções - e acabou por se atrever a lamber o focinho de *Buck* com a sua língua quente e úmida, em penhor de paz.

Outra lição. Com que então, era assim que se fazia? *Buck*

escolheu confiadamente um lugar e, com grande espalhafato e desperdício de esforço, tratou de cavar uma cova para si. Num abrir e fechar de olhos, o espaço fechado encheu-se do calor do seu corpo e ele adormeceu. O dia tinha sido longo e árduo e ele dormiu profunda e confortavelmente, apesar de rosnar, ladrar e lutar, com pesadelos.

Mas não abriu os olhos até ser acordado pelos ruídos do acampamento que despertava. A princípio, não soube onde estava. Tinha nevado durante a noite e ele estava inteiramente soterrado. As

paredes de neve comprimiam-no e um súbito terror o tomou: o medo do animal selvagem na armadilha. Era um penhor recebido das vidas dos seus antepassados, sendo um cão civilizado, indevidamente civilizado, não tinha qualquer experiência própria de armadilhas e não podia receá-las por si mesmo. O instinto contraiu-lhe os músculos em espasmos, os pêlos do pescoço e espáduas puseram-se em pé e, rosnando com ferocidade, *Buck* lançou-se para cima, para a luz crua do dia, numa nuvem flamejante de neve. Mal tocara com os pés no chão, viu o acampamento estender-se diante de si e recordou onde estava e tudo o que sucedera, desde

que saíra para um passeio com Manuel até à cova que cavara para si próprio na noite anterior.

Um brado de François saudou a sua aparição:

- O que é que eu disse? - gritou o condutor a Perrault. - Aquele *Buck* aprende depressa como um raio!

Perrault acenou gravemente. Consciente da sua responsabilidade de correio do Governo, transportando mensagens importantes, procurava sempre os melhores cães e a posse de *Buck* dava-lhe particular satisfação.

Decorrida uma hora, a equipagem tinha sido acrescida de três novos *huskies*, num total de nove cães, e, menos de um quarto de hora depois, estavam atrelados ao trenó e a caminho, em direção a Dyea Canion. *Buck* ficou contente por partir e concluiu que, embora árduo, o trabalho não era desprezível. O entusiasmo que animou a equipagem surpreendeu-o e contagiou-o. Mas mais surpreendente ainda foi a transformação operada em *Dave e Solleks:* eram novos cães, inteiramente mudados pelos arreios. Passividade e indiferença haviam desaparecido, deixando-os ativos e interessados, empenhando-se em que o trabalho corresse bem e irritando-se ferozmente contra tudo o que pudesse confundi-los ou atrasar. A labuta no trilho parecia a expressão

suprema do seu ser, aquilo que dava sentido às suas vidas e o seu único verdadeiro prazer.

A equipagem era atrelada em fila indiana: *Dave* entre os varais, *Buck à* sua frente, Solleks em seguida e assim por diante, até ao chefe, posto que pertencia a *Spitz.*

Buck fora atrelado entre *Dave e Solleks* de propósito, para que o ensinassem. Era bom aluno, mas eles eram igualmente bons professores, nunca lhe permitindo que incorresse em erro por muito tempo e reforçando as suas lições com os dentes afiados. *Dave* era justo e muito sábio. Nunca mordia sem razão e nunca deixava de morder quando essa necessidade se impunha. Como o chicote de François apoiava aquelas iniciativas, Buck concluiu que era

preferível corrigir-se a retaliar. Quando, durante uma breve parada, se emaranhou nos tirantes, retardando a partida, tanto Dave *como Solleks* se viraram contra ele e lhe administraram um sólido corretivo. O emaranhado daí resultante foi ainda pior, mas a partir de então *Buck* tratou de manter os tirantes direitos e, ainda o dia não terminara, *já ele* aprendera tão bem o seu trabalho que os seus companheiros deixaram de importuná-lo. O chicote de François estalava com menos freqüência e Perrault chegou a honrá-lo,

levantando-lhe as patas e examinando-as com cuidado.

Foi um dia de percurso árduo, subindo o Cânion atravessando Sheep Camp, passando as Scales e a zona de floresta, ao longo de glaciares e fendas de neve com centenas de metros de profundidade e contornando a grande bacia do Chilcoot, onde águas salgadas e doces se tocam, formando a proibitiva fronteira do solitário e triste Norte. Fizeram em boa velocidade o percurso pela cadeia de lagos que ocupam as crateras de vulcões extintos e, noite dentro, chegaram ao gigantesco acampamento no topo do lago Bernet, onde milhares de pesquisadores de ouro construíam barcos, prevenindo o degelo da Primavera. *Buck* fez a sua cova na neve e dormiu o sono dos justos exaustos, mas muito cedo ainda, na escuridão gelada, viu-se acordado e atrelado ao trenó com os seus companheiros.

Nesse dia fizeram sessenta e quatro quilômetros, pois a pista estava aberta, mas nos dias seguintes tiveram de abrir o seu próprio trilho, esgotando-se na dureza do trabalho e avançando mais devagar. Perrault viajava à frente do grupo, calcando a neve com sapatos apropriados, de modo a facilitar-lhes o caminho. Raras vezes trocava de lugar com François, que, se encarregava de conduzir o trenó. Perrault tinha pressa e orgulhava-se do seu

conhecimento do gelo, indispensável a quem caminhava sobre aquela finíssima camada de gelo de Outono que desaparecia nos pontos onde a água corria em rápidos.

Dia após dia, por dias sem fim, Buck labutava ao longo dos trilhos. Levantavam o acampamento ainda na escuridão e a primeira luz do dia encontrava-os a caminho, com alguns quilômetros já feitos atrás de si. E acampavam sempre noite fechada, comendo o seu pedaço de peixe e enroscando-se para dormir na neve. *Buck* andava faminto. A libra e meia de salmão seco que constituía a sua ração diária parecia desaparecer sem deixar rastro. Nunca comia o bastante e sofria contínuas ânsias de fome. Contudo, os outros cães, mais leves e nascidos naquela vida, recebiam apenas uma libra de peixe e mantinham-se em boa forma.

Depressa abandonou os requintes que trouxera da sua antiga vida. Gostando de tomar o paladar à comida, descobriu que os seus companheiros, que terminavam mais cedo, lhe roubavam a sua refeição inacabada. Não havia como defendê-la. Enquanto afastava dois ou três cães, ela desaparecia pela goela dos outros. O único remédio era passar a comer tão depressa como eles e tão

imperiosa era a fome que ele próprio não estava acima da tentação de tirar o que não lhe pertencia. Via e aprendia. Viu *Pike*, um dos novos cães, dissimulado e gatuno, furtar uma fatia de *bacon* nas costas de Perrault, copiou a façanha no dia seguinte, levando todo o naco. Ergueu-se um grande tumulto, mas Buck passou insuspeitado e Dub, um pobre desajeitado que estava sempre sendo apanhado, pagou pelo seu crime.

O seu primeiro roubo definiu Buck como apto a sobreviver no ambiente hostil das terras do Norte. Foi prova da sua adaptabilidade, da capacidade de se ajustar a condições diferentes, cuja falta acarretaria morte rápida e terrível. Representou também a decadência da sua natureza moral, a qual se afigurava vã, mera desvantagem na luta impiedosa pela sobrevivência. No Sul, sob a lei do amor e do companheirismo, podia-se respeitar propriedade e sentimentos; mas no Norte, sob a lei do bastão e das presas, quem se prendesse com tais considerações não passava de um idiota e, tanto quanto Buck podia observar, não prosperaria.

Não que Buck raciocinasse nesses termos. Estava apto, era tudo e acomodava-se ao seu novo modo de vida sem pensar. Outrora nunca evitava uma luta, quaisquer que fossem as probabilidades. Mas o bastão do homem de camisa vermelha tinha-

lhe incutido um código mais primitivo e fundamental. Civilizado, Buck poderia dar a vida por uma questão de ordem moral, por exemplo a defesa da chibata do juiz Miller; agora, aferindo-se por valores mais primordiais, fugia de qualquer consideração moral, de modo a assegurar a sobrevivência, Não roubava por prazer, mas para acalmar o seu estômago faminto. Não roubava abertamente, mas às escondidas, com astúcia, por respeito ao bastão e às presas. Em suma, fazia o que tinha de ser feito e escolhia sempre o modo mais fácil de fazê-lo.

A sua evolução (ou regressão) foi rápida. Os seus músculos ficaram duros como pedra e ele tornou-se insensível a toda a dor vulgar. Alcançou uma extrema economia, tanto interior como exterior. Comia tudo, por muito repugnante ou indigesto que fosse, e, uma vez engolido, os sucos do seu estômago extraíam a mais ínfima partícula nutriente do alimento e o seu sangue levava-a aos pontos mais distantes do seu corpo, transformando-a no mais firme

e robusto dos tecidos. Vista e faro ganharam uma acuidade notável e a sua audição desenvolveu-se a ponto de, mesmo no seu sono, ouvir o mais fraco dos sons e distinguir se era portador de paz ou perigo. Aprendeu a partir com os dentes o gelo que se acumulava

entre os dedos e, quando sentia sede e encontrava a poça de água coberta por uma camada espessa de gelo, quebrava-o, empinando-se e batendo-lhe com as patas da frente bem hirtas. A sua característica mais notável era a capacidade de farejar o vento e prevê-lo com uma noite de antecedência, Por muito parado que estivesse o ar quando ele cavava o seu ninho à beira de uma árvore ou de um talude, o vento que viesse a soprar encontrava-o invariavelmente protegido, aconchegado e confortável.

Não aprendia só por experiência, mas velhos instintos mortos há muito renasciam nele. As gerações domésticas esbatiam-se. De um modo vago, ele recordava a juventude da espécie, o tempo em que os cães selvagens vagueavam em matilha pelas florestas primitivas e caçavam para comer. Não lhe requeria qualquer esforço lutar cortando e rasgando com a dentada rápida do lobo. Assim haviam lutado os seus remotos antepassados. Eram eles que intensificavam a antiga forma de vida dentro dele e os velhos hábitos que tinham ficado marcados na hereditariedade da espécie eram os seus. Voltavam à superfície sem qualquer esforço, como se sempre lhe tivessem pertencido. E quando, nas noites ainda frias, ele erguia o focinho para uma estrela e uivava longamente, como um lobo, eram os seus antepassados, mortos e

feitos em pó, que apontavam o focinho às estrelas e uivavam através dos séculos e através dele. E os seus ritmos eram os deles, ritmos que davam voz aos seus lamentos e àquilo que eles sentiam perante o silêncio, o frio e a escuridão.

Assim, ilustrando quanto de fortuito constitui a vida, a antiga canção elevou-se nele e ele retornou aos seus, e retornou porque os homens tinham descoberto um metal amarelo no Norte e porque Manuel era um ajudante de jardineiro cujo salário não ultrapassava as necessidades da mulher e dos filhos.

O despertar da fera

A fera primordial despertara em *Buck* e crescia sem cessar nas condições extremas da vida nos trilhos. Mas esse crescimento permanecia secreto. Na sua recém-adquirida astúcia, Buck encontrava aprumo e autodomínio. A adaptação à nova vida não lhe consentia que agisse livremente - e não só não procurava lutas

como as evitava sempre que possível. As suas atitudes eram pautadas por uma certa circunspeção. Não se entregava a atos precipitados ou irrefletidos e, no ódio amargo que o separava de *Spitz*, não mostrava impaciência, fugia a qualquer atitude ofensiva. Por seu lado, talvez porque adivinhasse em *Buck* um rival perigoso, Spitz nunca perdia uma oportunidade de lhe mostrar os dentes. Chegava a dar-se a incômodos para maltrata-lo, esforçando-se por precipitar a luta de morte que sabia inevitável entre ambos e que só um acidente inesperado impediu que acontecesse pouco depois do início da viagem. No fim desse dia tinham montado um acampamento desabrigado e miserável na margem do lago Lê Barge. Um nevão, o vento, cortante como faca ao rubro, e a

escuridão tinham-nos obrigado a tatear em busca de um lugar para acampar. Dificilmente poderiam ter escolhido pior**.** Nas suas costas erguia-se uma escarpa vertical e Perrault e François viram-se forçados a acender a fogueira e estender o equipamento sobre a camada de gelo do próprio lago. Tinham abandonado a tenda em Dyea para aliviar a bagagem. Uns poucos paus de madeira à deriva arderam num fogo que derreteu o gelo e os deixou ceando às escuras.

Buck fez o seu ninho na base da escarpa protetora. Ficou de tal forma quente e aconchegado que se sentiu relutante em sair quando François distribuiu o peixe, previamente descongelado no fogo. Quando acabou de comer e regressou, encontrou o ninho ocupado. Um rosnado de advertência informou-o de que o transgressor era *Spitz.* Até esse momento, Buck tinha evitado confrontos com o seu inimigo, mas aquilo era demais. A fera dentro de si rugiu. Saltou sobre Spitz com uma fúria que surpreendeu ambos, principalmente o chefe, cuja experiência com *Buck* servira apenas para convence-lo de que o seu rival era um cão extraordinariamente tímido, que apenas se mantinha graças ao seu grande tamanho e peso.

A surpresa tomou também François, quando viu os dois

cães irromperem engalfinhados do ninho destruído e adivinhou a causa do problema.

- A-a-ah! - bradou a *Buck.* - Dê-lhe forte, vamos! Chega-lhe, a esse porco gatuno!

A *Spitz* não faltava vontade. Soltava latidos de pura raiva e impaciência enquanto avançava e recuava em círculos, procurando um ponto vulnerável. *Buck* não se mostrava menos ansioso, nem menos prudente, avançando e recuando num movimento semelhante, em busca de uma vantagem. Foi então que o inesperado sucedeu, esboçando a sua batalha pela supremacia com

vista a um futuro ainda distante, afastado por muitos e exaustos quilômetros de trilho e trabalho.

Uma imprecação de Perrault, o impacto de um bastão sobre o osso e um estridente ganido de dor anunciaram o rebentar do pandemônio. O acampamento fora subitamente invadido por esquivos vultos peludos: huskies esfaimados , quatro ou cinco dúzias deles, que haviam farejado a sua presença. Vindos de alguma aldeia índia empobrecida, tinham-se esgueirado para dentro do acampamento enquanto Buck *e* Spitz lutavam e, quando os dois homens saltaram para o meio deles, armados de bastões,

mostraram os dentes e enfrentaram-nos, enlouquecidos como estavam pelo cheiro da comida. Perrault encontrou um deles com a cabeça enfiada no caixote das provisões. O bastão caiu pesadamente sobre as costelas e o caixote tombou no chão. No mesmo instante, uma dúzia de feras famintas disputava o pão e o *bacon.* Os bastões caíam sobre os animais indefesos, que latiam e uivavam sob a chuva de golpes, mas não deixaram de lutar loucamente até a última côdea ter sido devorada.

Nesse meio tempo, os atônitos cães da equipagem tinham saltado dos seus ninhos apenas para serem atacados pelos ferozes invasores. Buck nunca vira cães como aqueles. Parecia que os ossos lhes furariam a pele, Eram meros esqueletos, envoltos em peles pendentes, com olhos chamejantes e presas espumantes. A loucura da fome tornava-os aterrorizadores e irresistíveis. Não havia forma de enfrenta-los. À primeira investida os cães da equipagem foram rechaçados contra a escarpa. Buck viu-se a contas com *três huskies* e num momento ficou com cabeça e espáduas retalhadas.

O barulho era ensurdecedor. Billee gania como de costume, *Dave e Solleks,* escorrendo sangue de inúmeras feridas, lutavam lado a lado com bravura, Joe mordia como um demônio. Agarrou a perna de um *huskie* entre os dentes e cerrou-os até esmagar o osso. *Pike*,

o manhoso, saltou sobre o animal ferido e quebrou-lhe o pescoço num clarão de caninos afiados. *Buck* mordeu a garganta de um adversário, sentiu o sangue correr da jugular rasgada e salpicá-lo. O sabor do sangue quente incitou-o a uma maior ferocidade. Lançou-se sobre outro adversário e, no mesmo momento, sentiu dentes cravando-se na sua própria garganta. Era *Spitz,* que atacava traiçoeiramente pelo flanco.

Perrault e François, vencida a batalha do seu lado do acampamento, corriam para salvar os seus cães. A vaga selvagem de bestas famintas recuava à frente dos homens e Buck libertou-se. Mas foi só um momento. Os dois homens foram obrigados a voltar atrás para salvar as provisões, e *os huskies* reataram o ataque à

equipagem. Billee, com a coragem do desespero, rompeu através do círculo feroz e fugiu pelo gelo. Me e Dub correram no seu encalço e o resto da equipagem os seguiu. Ao preparar-se para saltar atrás deles, *Buck* viu pelo canto do olho que *Spitz* se precipitava para ele com a intenção manifesta de derruba-lo. Uma vez caído, e sob a massa de *huskies,* estaria perdido. Assim, agüentou a carga do seu rival e juntou-se ao grupo que fugia pelo

lago.

Mais tarde, os nove cães da equipagem juntaram-se e procuraram abrigo na floresta. Embora não tivessem sido perseguidos, estavam em triste estado. Não havia um único que não ostentasse quatro ou cinco feridas, algumas delas graves. Dub tinha ferimentos sérios numa perna traseira, Dolly, o último *husky* a juntar-se à equipagem em Dyea, tinha a garganta rasgada, Joe perdera um olho e, quanto a *Billee,* o de bom feitio, ganiu e choramingou a noite toda com uma orelha feita em tiras.

Ao nascer do dia, coxearam com dificuldade de regresso ao acampamento, de onde os assaltantes já tinham partido e onde os dois homens estavam de muito mau humor. Uma boa metade da sua reserva de provisões havia desaparecido. Os *huskies* tinham comido até pedaços dos arreios e das coberturas de lona. De fato, nada, por muito remotamente comestível que fosse, lhes escapara. Tinham comido um dos pares de mocassins de pele de alce de Perrault, grandes pedaços das correias de couro e até meio metro da ponta do chicote de François. Este interrompeu uma lastimosa contemplação desse objeto para cuidar dos seus cães feridos.

-Ah, meus amigos - dizia com suavidade -, talvez ficaram com raiva dessa quantidade de mordidas. Talvez ficaram todos

raivoso, raios! Que é que acha, Perrault?

O correio abanou a cabeça, hesitante. Com seiscentos e quarenta quilômetros de pista por percorrer até chegar a Dawson, uma epidemia de raiva entre os seus cães era impensável. Ao fim de duas horas de imprecações e esforços, os arreios estavam reparados e a equipagem, ferida e hirta, a caminho, lutando penosamente contra o trilho mais difícil que até aí tinham encontrado, por sinal o mais difícil de todo o percurso até Dawson.

O rio Thirty Mile corria aberto. As suas águas violentas desafiavam o frio e só nos pontos de refluxo e nas zonas calmas se podia encontrar alguma placa de gelo. Foram necessários seis dias de trabalho exaustivo para vencer aqueles terríveis cinqüenta quilômetros. E bem terríveis eram, cada metro coberto com risco de vida para homens e cães. Por doze vezes o gelo estalou sob os pés de Perrault, que caminhava à frente e apenas se salvou graças à

longa vara que transportava de modo a ficar atravessada sobre o buraco aberto pelo seu corpo. Havia uma vaga de frio, os termômetros registravam cinqüenta graus negativos, e, cada vez que Perrault caía, era necessário acender uma fogueira que lhe secasse as roupas ou ele morreria gelado.

Nada o detinha. Era justamente por isso que ele havia sido escolhido para correio do Governo. Corria todo o tipo de riscos, expondo resolutamente a sua pequena cara chupada ao frio e lutando desde a primeira luz pálida da alvorada até ser noite fechada. Contornava as margens sombrias sobre um gelo fino que dobrava e estalava sob os seus pés e onde se não atreviam a parar. Uma vez, o gelo quebrou sob o trenó, engolindo *Dave e Buck,* que estavam semi-gelados e pouco menos que afogados quando foram por fim içados. Como de costume, foi preciso acender uma fogueira para salva-los. O gelo tinha solidificado em agulhas no seu pêlo, e os dois homens fizeram-nos correr à roda da fogueira, transpirando e degelando, tão perto do fogo que ficaram chamuscados.

Em outra ocasião, foi *Spitz* a cair pelo gelo, arrastando consigo toda a equipagem até *Buck,* que se firmou com todas as suas forças as patas da frente deslizando no rebordo escorregadio, enquanto estilhaços de gelo saltavam por toda parte. Atrás dele, *Dave,* igualmente fincado no chão e, por fim, François, cujos tendões estalavam no esforço de segurar o trenó.

Mais uma vez, a fenda de gelo alargava em todas as direções. A única salvação era subir o penhasco. Perrault escalou-o, num milagre pelo qual François rezava, e, com uma corda feita de

todas as correias, tiras de couro e pedaços de arreio que puderam encontrar, içaram os cães, um a um, até o alto. François subiu em último, a seguir ao trenó e à carga. Depois, foi a busca de um lugar por onde descer, acabando por o fazer de novo com auxílio da corda e a noite encontrou-os de volta ao rio, uns simples quatrocentos metros percorridos num dia inteiro de trabalho.

Quando alcançaram Hootalinqua e acharam bom gelo, Buck estava arrasado. O resto da equipagem não estava melhor, mas Perrault, que queria recuperar o tempo perdido, fazia-os trabalhar de sol a sol. No primeiro dia, percorreram cinqüenta e cinco quilômetros até Big Salmon; no dia seguinte, mais cinqüenta e cinco quilômetros até Little Salmon e, no terceiro dia, sessenta e cinco quilômetros que os levaram às proximidades de Five Fingers.

As patas de *Buck* não eram tão rijas e compactas como as dos *huskies.* Haviam amolecido ao longo das muitas gerações desde o dia em que algum homem das cavernas, ou pescador primitivo, domesticara o seu último antepassado selvagem. Coxeava

o dia inteiro numa agonia e, uma vez o acampamento montado, tombava como morto. Embora estivesse esfomeado, não se mexia

para ir buscar a sua ração de peixe, que tinha de lhe ser levada por François. Todas as noites, depois de jantar, o condutor passava meia hora massageando-lhe as patas e acabou por sacrificar o couro dos seus próprios mocassins para fabricar quatro mocassins para o cão. Isso revelou-se um grande alívio e *Buck* fez com que mesmo a cara curtida de Perrault se torcesse num sorriso quando, uma manhã em que François se esqueceu de lhe pôr os mocassins, se deitou de costas, as quatro patas acenando no ar, e se recusou a mexer sem estar calçado. Com o tempo, as suas patas endureceram e os mocassins gastos foram jogados fora.

Estavam aparelhando, uma manhã bem cedo em Pelly, quando DoIly, cuja presença fora sempre discreta, apareceu subitamente com raiva. Soltou um uivo, longo e desolado, que deixou todos os cães arrepiados de medo, e saltou sobre *Buck.* Este nunca vira um cão raivoso e não tinha nenhuma razão especial para recear a raiva, contudo, sentiu o horror que ali havia e fugiu, em pânico. Corria para diante o mais depressa que podia, com *Dolly* arquejando e espumando atrás de si. Nem ela conseguia alcança-lo, tal era o terror dele, nem ele conseguia adiantar-se, tal era a loucura dela. Fugiu pela faixa de bosque da ilha, voou até à parte baixa, saltou pelas placas de gelo que cobriam um canal secundário até

outra ilha, alcançou uma terceira ilha, regressou ao rio principal e, desesperado, principiou a atravessá-lo. E sempre, embora não olhasse para trás, a ouvia rosnar sobre os seus passos. François chamava-o a uns quatrocentos metros de distância e ele retrocedeu, sempre com um só corpo de vantagem, respirando com dificuldade e concentrando toda a sua esperança em que François o salvaria. O condutor tinha o machado pronto na mão e, quando Buck passou por ele como uma seta, a lâmina abateu-se sobre a cabeça raivosa de *Dolly.*

Buck cambaleou até ao trenó, exausto, sorvendo o ar em grandes golfadas, indefeso. Era a oportunidade de Spitz. Atirou-se a *Buck* e por duas vezes mergulhou os dentes no seu inimigo, sem encontrar resistência, rasgando a carne até ao osso. Nesse momento o chicote de François caiu sobre ele e *Buck* teve a satisfação de ver o seu rival ser açoitado como nenhum cão da equipagem o fora até então.

- Um diabo, esse *Spitz* - declarou Perrault -, um dia destes dá cabo do Buck .

- Buck vale dois diabos - replicou François -, vejo-o todo o tempo e sei. Ouça, um destes dias vai ficar danado como um raio e

então mastiga esse Spitz inteiro e cospe-o picado na neve. Pode crer, eu sei.

A partir desse momento foi guerra declarada entre os dois cães. Spitz, como chefe de equipagem oficial, sentia a sua supremacia ameaçada por aquele estranho cão do Sul. E bem estranho lhe parecia Buck porque, de todos os cães vindos do Sul que ele tinha conhecido, nenhum mostrara ser de qualquer préstimo, quer no acampamento quer no trilho. Eram muito fracos, morriam com o trabalho, o frio e a fome. Buck era a exceção. Só ele tinha sabido sobreviver e prosperar, equiparando-se ao *husky* em força, selvajaria e astúcia. Era também um cão dominador, perigoso, porque o bastão do homem de camisa vermelha tornara o seu desejo de domínio isento de todo o impulso temerário ou precipitado. Buck era preeminentemente astuto e sabia esperar a sua hora com uma paciência verdadeiramente primitiva.

O choque pela chefia era inevitável. Buck desejava-o.

Desejava-o porque era da sua natureza, porque tinha sido dominado por aquele orgulho indefinível, incompreensível, do trilho e do arreio, orgulho que mantém os cães presos ao trabalho até o último estertor; orgulho que os leva a morrer com alegria entre os arreios e lhes quebra o coração quando têm de ser afastados do trenó. Era o

orgulho *de Dave,* correndo entre os varais, de Solleks, ao puxar com toda a sua força, esse orgulho que os tomava ao levantar do acampamento, transformando-os de brutos amargos e taciturnos em criaturas esforçadas, estimuladas, ambiciosas, aquele orgulho que os fazia correr o dia inteiro e os abandonava ao montar do acampamento à noite, deixando-os numa melancolia inquieta e insatisfeita. Era o orgulho no qual Spitz encontrava forças com que maltratar os cães que se enganavam e esquivavam ao trabalho, ou que se escondiam de manhã à hora de aparelhar, era o orgulho que o fazia recear Buck enquanto possível chefe de equipagem. E era o orgulho de *Buck que a* meaçava abertamente a chefia do outro. Metia-se de permeio entre ele e os preguiçosos que devia castigar. E fazia-o ostensivamente. Uma noite caiu um nevão grande e, pela manhã, *Pike,* o manhoso, não aparecia. Estava bem escondido no seu ninho, debaixo de dois palmos de neve. François chamou-o e procurou-o em vão. Spitz estava encolerizado. Percorreu o acampamento numa fúria, farejando e escavando todos os lugares prováveis, rosnando de um modo tão aterrorizador que *Pike* o ouviu e tremeu no seu esconderijo.

Mas quando, por fim, foi desalojado e Spitz voou para o castigar, Buck atravessou-se com igual fúria entre os dois. Tão

inesperado e bem conseguido foi que Spitz, projetado para trás, caiu

desamparado. Pike, que ficara tremendo num medo abjeto, ganhou coragem perante o motim declarado e atirou-se ao chefe derrubado. *Buck*, para quem luta leal não passava de um conceito esquecido, atacou *Spitz* do mesmo modo. Mas François, rindo embora entredentes com o incidente, era inabalável na administração de justiça e a ponta do seu chicote abateu-se energicamente sobre *Buck.* Como tal não bastasse para afasta-lo do seu rival prostrado, o condutor optou por bater com o cabo. Entontecido pelo golpe, *Buck* recuou e o chicote caiu sobre ele vezes sem conta, enquanto Spitz castigava com firmeza o prevaricador.

Nos dias seguintes, à medida que Dawson se aproximava, Buck continuou a interferir entre *Spitz* e os indisciplinados, mas tinha de faze-lo apenas quando François não estava nas imediações. O motim encoberto provocou uma insubordinação geral e crescente. *Dave e Solleks* comportavam-se como sempre, mas o resto da equipagem ia de mal a pior. As coisas já não corriam bem. Sucediam-se questiúnculas e altercações. Havia sempre algum problema e na sua origem estava *Buck.* Dava trabalho a François,

que vivia em preocupação constante sobre a luta de morte que sabia ser mera questão de tempo entre os dois cães. Por mais de uma vez foi arrancado dos seus cobertores por sons de conflito entre os cães, temendo que a hora de *Buck e* Spitz tivesse chegado. Mas a oportunidade não surgiu e numa tarde sombria chegaram a Dawson com a grande batalha por travar. Estavam ali muitos homens e inúmeros cães *e Buck* encontrou-os todos trabalhando. Parecia ser da ordem natural das coisas que os cães trabalhassem. Subiam e desciam a rua principal o dia inteiro, em grandes equipagens, e de noite ainda se ouvia o tinido dos seus guizos passando. Transportavam lenha e troncos para cabanas, levavam coisas para as minas, faziam todas as tarefas que no vale de Santa Clara cabiam aos cavalos. Aqui e além, *Buck* encontrava alguns cães do Sul, mas a maioria pertencia à raça *husky,* cruzada de lobo. Todas as noites sem falta, às nove, à meia-noite, às três, erguiam a sua ária noturna, cântico estranho e misterioso ao qual *Buck* se juntava com deleite.

Ante o brilho frio da aurora boreal e a dança de gelo das estrelas cadentes, com a terra adormecida e gelada sob a sua mortalha de neve, o cântico dos *huskies* podia ter representado o desafio da vida, mas afinava-se por um tom baixo, em lamentos

prolongados e meios-soluços, e era mais a súplica da vida, o sofrimento elaborado da existência. Era um cântico antigo, como a própria espécie - uma ária vinda de um mundo jovem, de um tempo em que as canções eram tristes. Trazia consigo o lamento de

inúmeras gerações, lamento que lançava *Buck* numa estranha perturbação. Cantando, gemia e soluçava a dor de viver que fora a de seus pais selvagens, o sentimento de medo e de mistério que os tomava perante o frio e a escuridão. E que isso o perturbasse demonstrava quão completamente ele havia recuado através das eras de conforto do lar até aos duros princípios da vida, aos tempos do uivo.

Sete dias depois da sua chegada a Dawson desceram o talude escarpado que conduzia à pista de Yukon e partiram em direção a Dyea e Salt Water. Perrault levava mensagens ainda mais urgentes do que aquelas que trouxera. Além disso, tinha sido vencido pela vaidade do viajante e propunha-se bater o recorde de viagem daquele ano. Tinha vários pontos a seu favor: a semana de repouso tinha restabelecido os cães, que se achavam em perfeitas condições, o trilho que tinham aberto através da região tinha sido reforçado por viajantes posteriores e, por último, tendo a polícia

construído dois ou três depósitos de provisões para cães e homens ao longo do percurso, não viajavam carregados.

Chegaram a Sixty Mile no primeiro dia, percorrendo oitenta quilômetros, e o segundo dia viu-os lançados ao longo do Yukon, aproximando-se de Pelly. Mas tempos tão esplêndidos só se obtinham à custa de grandes dificuldades e vexames para François. A revolta insidiosa conduzida por *Buck* tinha destruído a solidariedade da equipagem. Já não corriam como um só cão entre os arreios. O encorajamento que *Buck* dava aos rebeldes levava-os a cometer toda a espécie de pequenos delitos. *Spitz* já não era um chefe que inspirasse temor. O antigo respeito tinha desaparecido e todos desafiavam a sua autoridade. Uma noite, Pike roubou-lhe metade da ração de peixe e engoliu-a, sob a proteção de *Buck.* Outra noite, *Dub e Joe* enfrentaram Spitz, obrigando-o a desistir de lhes administrar o castigo que mereciam. Até *Billee,* o de bom feitio, se mostrava menos bem disposto e de modo algum tão apaziguador como em outros tempos. Buck nunca se aproximava de Spitz sem rosnar e eriçar o pêlo de modo ameaçador. Na verdade, a sua conduta chegava a ser arruaceira e ele dava-se ao luxo de se pavonear de um lado para o outro mesmo debaixo do nariz do chefe.

A quebra de disciplina também afetava as relações dos cães uns com os outros. Altercavam e brigavam mais do que nunca, até o acampamento se assemelhar a uma casa de doidos aos uivos. Só *Dave e Solleks* permaneciam fiéis a si mesmos, embora as questiúnculas constantes os tornassem irritáveis. François soltava pragas estranhas e pagãs, batia com os pés na neve numa fúria vã

e arrepelava os cabelos. O seu chicote assobiava sem cessar, mas de pouco valia. Mal voltava costas, os cães recomeçavam. François apoiava Spitz com o chicote, *Buck* apoiava todos os outros. François sabia que *Buck* era a verdadeira origem do problema, e o cão sabia que ele sabia, mas era muito astuto para se deixar apanhar em falso uma segunda vez. Trabalhava fielmente nos arreios, porque o trabalho se tornara num prazer, mas um prazer ainda maior era provocar dissimuladamente uma luta entre os seus companheiros e emaranhar os tirantes.

Estavam acampados na foz do Tal-ikeena quando, a seguir à ceia, Dub levantou uma lebre, tropeçou e falhou. Num segundo toda a matilha estava em movimento. A uns cem metros de distância ficava um acampamento da Polícia do Noroeste, de onde cinqüenta

cães, todos *huskies,* correram ajuntar-se à caçada. A lebre fugiu ao longo do rio, virou para um pequeno ribeiro e continuou a correr ao longo do seu leito gelado. Corria com leveza pela superfície da neve, enquanto os cães tinham de abrir caminho à força. *Buck* corria à frente da matilha de sessenta cães, seguindo a lebre curva após curva, não conseguindo, contudo, apanhá-la. Baixava o dorso na corrida, emitia um som ansioso, o seu corpo esplêndido projetava-se em frente, salto após salto, envolto no luar branco e pálido. E, salto após salto, como um fantasma de gelo, a lebre ia mantendo velozmente a distância.

Os velhos instintos que, por vezes, se agitam nos homens e os levam a trocar as suas cidades ruidosas por florestas e planícies, a fim de matar criaturas com bolas de chumbo quimicamente projetadas, o desejo de sangue, o prazer de matar - tudo isso se encontrava em *Buck,* mas de um modo infinitamente mais íntimo. Tomara o seu lugar à cabeça da matilha, perseguia uma criatura selvagem, carne viva, para matar com os próprios dentes e mergulhar o focinho até aos olhos no sangue quente.

Há um êxtase que marca o apogeu da vida, além do qual a vida não se pode elevar mais. E tal é o paradoxo da existência, que esse êxtase surge quando se está mais vivo e surge sob a forma do

completo esquecimento da própria vida. Esse êxtase, esse esquecimento de si, atinge o artista, surpreendido, em transe, num lençol de chamas, atinge o soldado, enlouquecido pela guerra, que numa batalha perdida recusa trégua e atingiu *Buck*, ao conduzir a matilha, soltando o antigo brado do lobo, perseguindo o alimento vivo que corria velozmente à sua frente, sob o luar. Estava explorando o que de mais profundo havia na sua natureza e, além de si mesmo, recuava até às entranhas do próprio tempo.

Dominava-o uma pura explosão de vida, uma onda de euforia, a

alegria perfeita de cada músculo, de cada articulação, a plenitude do sentimento de não estar morto, de ser pleno de cor e exuberância, exprimindo-se pelo movimento, voando exultante sob as estrelas e sobre a face da matéria morta e imóvel.

Mas Spitz, frio e calculista mesmo no auge do entusiasmo, abandonou a matilha e tomou um atalho num ponto onde o ribeiro descrevia uma curva larga. *Buck* não reparou e, quando saiu da curva, o pequeno fantasma de gelo da lebre correndo sempre à sua frente, viu um outro fantasma de gelo, maior, saltar da margem oposta e interceptar o percurso da lebre. Era *Spitz.* A lebre não teve tempo de fugir e guinchou como um homem ferido quando os dentes

brancos do cão lhe quebraram a coluna a meio, de um salto. Ao som daquele grito, da vida que se extingue no amplexo da morte, toda a matilha atrás de *Buck* ergueu um coro infernal de prazer.

Buck não gritou. Não suspendeu a corrida, avançou direito a *Spitz*, espádua contra espádua, com tal impulso que não conseguiu agarrar-lhe a garganta. Rolaram juntos na neve solta. Spitz pôs-se em pé como se não tivesse chegado a cair, rasgou a espádua do adversário e saltou para o lado. Por duas vezes os seus dentes se fecharam como as mandíbulas de aço de uma armadilha, enquanto recuava à procura de um bom ponto de apoio, arreganhando os lábios e rosnando.

Como iluminado por um relâmpago, *Buck* soube. A hora tinha chegado. Era até à morte. Foi tomado por uma sensação de familiaridade enquanto andavam em círculos, rosnavam, espreitavam as possíveis vantagens, com as orelhas tensas e recuadas. Parecia lembrar-se de toda aquela cena - os bosques brancos, a terra, o luar, a excitação do combate. Uma calma fantasmagórica pairava sobre a brancura e o silêncio. Não havia o menor sussurro no ar, nada se movia, nem uma folha tremia, o bafo visível da respiração dos cães erguia-se lentamente e parecia ficar suspenso no ar gelado. Aqueles cães, que não eram senão lobos

mal domesticados, tinham acabado com a lebre e formavam um círculo, na expectativa. Também eles estavam em silêncio, só os olhos brilhavam e os bafos flutuavam no *ar. Buck* nada achava de novo ou estranho nesta cena de outros tempos. Era como se sempre assim tivesse sido - era a ordem natural das coisas.

Spitz era um lutador experiente. Desde Spitzbergen, ao longo do Ártico, do Canadá e das Barrens, tinha sabido defender-se contra todo o tipo de cães e impor o seu domínio sobre eles. A sua cólera era amarga, mas nunca cega. Sua febre de lacerar e destruir, nunca esquecia que o seu inimigo sentia febre igual. Nunca

avançava sem estar pronto para receber uma carga, nunca atacava sem ter primeiro repelido um ataque.

Buck esforçava-se em vão por cravar os dentes no pescoço do grande cão branco. Onde quer que as suas presas filassem em busca da carne macia, iam chocar com as presas de *Spitz.* Presa chocava com presa, os lábios estavam cortados e em sangue e *Buck* não conseguia penetrar as defesas do adversário. Por fim, aqueceu, envolvendo Spitz num turbilhão de ataques. Procurava a garganta branca de neve, onde a vida fervilhava perto da superfície,

mas era sempre o outro quem feria e se esquivava. Buck passou então a simular ataques à garganta, recuando a cabeça e deitando o corpo no último momento, de modo a lançar a espádua contra a espádua do adversário, como um aríete destinado a derrubá-lo. Mas de todas as vezes era a sua espádua a ser rasgada pelos dentes de *Spitz e* este escapava com ligeireza.

Spitz permanecia intacto, enquanto Buck escorria sangue e respirava com dificuldade. A luta tornava-se desesperada. E o círculo feroz ali estava, silencioso, à espera, pronto para acabar com o cão que caísse. À medida que Buck perdia o fôlego, Spitz intensificava os ataques, fazendo-o cambalear. Chegou a perder o equilíbrio e o círculo de cães ergueu-se de imediato, mas ele se recuperou, em pleno ar, e o círculo sentou-se de novo e esperou.

Contudo, Buck possuía uma qualidade que determina a grandeza, imaginação. Lutava por instinto, mas sabia também lutar pensando, Atacou simulando a habitual finta da espádua e no último momento baixou-se sobre a neve e mordeu. Agarrou a pata esquerda de Spitz. Ouviu-se o estalo do osso quebrando e o cão branco enfrentou-o sobre três pernas. Por três vezes Buck tentou derrubá-lo, depois repetiu o truque e quebrou-lhe a perna direita. Apesar da dor e da impotência, Spitz lutou loucamente para se

manter de pé, via o círculo silencioso que se fechava em seu redor, olhos brilhantes, línguas pendentes e bafos prateados flutuando no ar, tal como no passado vira círculos semelhantes fechar-se sobre os seus antagonistas derrotados. Mas desta vez a derrota fora sua. Não havia salvação para ele. *Buck* era inexorável.

Misericórdia era qualidade para climas moderados. Manobrou para o golpe final. O círculo tinha-se cerrado a ponto de ele sentir a respiração dos *huskies* no seu flanco. Via-os, atrás de Spitz, pelos lados, os corpos encolhidos para o salto, os olhos fixos nele. O tempo pareceu parar, cada animal estava imóvel, como que petrificado. Só *Spitz* tremia e eriçava o pêlo, cambaleando para trás e para frente, rosnando numa ameaça terrível, como se quisesse assustar a morte inevitável. Buck saltou então e recuou, mas, ao

saltar, a espádua encontrou finalmente a outra espádua. O círculo escuro transformou-se num nó sobre a neve inundada de luar. Spitz desapareceu e *Buck* ficou de lado, olhando, vencedor - fera primitiva que tinha morto a sua presa e gostara de fazê-lo.

O chefe da matilha

- Então? Que é que eu disse? Falei a verdade, quando afirmei que esse *Buck* valia dois diabos.

Assim falava François na manhã seguinte, quando deu pela falta de *Spitz* e viu *Buck* coberto de feridas. Puxou-o para junto da fogueira e apontou-as à luz das chamas.

- Aquele Spitz lutou como um raio - comentou Perrault, observando a carne rasgada e cortada.

- E este *Buck* lutou como dois raios - foi a resposta de François. - E agora vamos andar a boa velocidade, com certeza. Nada de *Spitz*, nada de problemas.

Enquanto Perrault arrumava as coisas e carregava o trenó, o condutor cuidou de aparelhar os cães. *Buck* trotou para a posição que Spitz, como chefe, teria ocupado, mas François ignorou-o e trouxe Solleks para o posto cobiçado. Na sua opinião, este seria o melhor chefe de equipagem entre os cães que restavam. Buck, enfurecido, atirou-se ao companheiro, e o fez recuar e ocupou o seu lugar.

- Hein? Hein? - gritou François, batendo alegremente nas coxas. – Olhe para este *Buck!* Matou *Spitz*, quer o lugar! Sai daí, xô!

- bradou, mas o cão não se mexeu.

François agarrou-o pelo cachaço e, embora ele rosnasse ameaçadoramente, arrastou-o para o lado e repôs *Solleks à* frente. O velho cão não estava satisfeito e mostrou abertamente que receava Buck. François obstinou-se, mas mal o homem voltou costas, Buck desalojou de novo o companheiro, que se deixou ir de boa vontade.

François estava zangado. Agarrou um pesado bastão e gritou:

- Agora vou endireita-lo, você vai ver!

Buck recordou-se do homem de camisa vermelha, bateu lentamente em retirada e nem tentou avançar quando *Solleks* foi de novo trazido para frente. Mas andava em círculos, fora do alcance imediato do bastão, rosnando com amargura e raiva - e enquanto o fazia não tirava os olhos do bastão, de modo a evitá-lo se François o

arremessasse, pois estava ficando experiente no que dizia respeito a bastões.

O condutor continuou o seu trabalho e chamou *Buck* quando chegou o momento de o atrelar no seu antigo posto, à frente de

Dave. *Buck* recuou dois ou três passos. François seguiu-o e ele voltou a recuar. Ao cabo de alguns minutos, vendo que a cena se repetia, François deitou fora o bastão, julgando que o cão temia uma sova. Mas ele estava em plena revolta. Pretendia não fugir a algumas bastonadas, mas obter a chefia. Era sua por direito. Tinha-a conquistado e não se satisfaria com menos.

Perrault foi ajudar: perseguiram-no acampamento por cerca uma hora, atiraram-lhe bastões, ele se esquivou, amaldiçoaram-no, bem como a todos os seus avôs e avós e a toda a sua descendência até à última geração e a cada pêlo do seu corpo e pingo de sangue nas suas veias, ele respondia às maldições rosnando e mantinha-se fora do alcance dos homens. Não tentou fugir, mas ia recuando sempre em redor do acampamento, tornando claro que, quando o seu desejo fosse satisfeito, tomaria o seu lugar e se portaria bem.

François sentou-se e coçou a cabeça. Perrault olhou para o relógio e praguejou. O tempo voava e já deviam estar a caminho havia uma hora. François coçou de novo a cabeça. Abanou-a e sorriu timidamente ao correio, que encolheu os ombros em sinal de derrota. François dirigiu-se então a Solleks e chamou *Buck*, que riu - como os cães riem -, mas mantendo-se à distância. François

desatrelou Solleks e voltou a atrelá-lo na sua antiga posição. A equipagem estava atrelada ao trenó numa linha contínua, pronta para a pista. Não havia lugar para *Buck* senão à frente. Mais uma vez François chamou, e mais uma vez o cão riu e ficou quieto.

- Largue o bastão - ordenou Perrault.

François obedeceu, o cão trotou para eles, rindo triunfante, e colocou-se no seu posto à frente da equipagem. Foi atrelado, o trenó solto e, com os dois homens em corrida, lançaram-se pela pista ao longo do rio.

Por muito elevada que tivesse sido a sua avaliação de *Buck,* com os seus dois diabos, o condutor concluiu, ainda o dia ia no princípio, que o tinha subestimado. Num ressalto, assumiu os deveres inerentes à chefia e, quando se tornava necessário mostrar discernimento, pensar e agir depressa, *Buck* revelava-se superior ao próprio Spitz. E François nunca encontrara um cão igual a *Spitz!*

Mas era a fazer a lei e a impô-la aos seus companheiros *que Buck* atingia a excelência. *Dave e Solleks* não se incomodavam com a mudança de chefe. Não era assunto que lhes dissesse

respeito. O que lhes interessava era trabalhar, vigorosamente, nos trilhos. Não lhes importava o que acontecesse, desde que não

interferissem com eles. Por eles, até *Billee,* o de bom feitio, poderia ser chefe, contanto que mantivesse a ordem. Contudo, os outros cães tinham ficado indisciplinados durante os últimos tempos de *Spitz* e foram tomados de surpresa quando *Buck* tratou de mete-los na ordem.

Pike, que puxava atrás do chefe e nunca se esforçava mais do que o estritamente necessário, recebeu diversos e decididos safanões por mandriar e, antes do fim do primeiro dia, estava puxando como nunca antes fizera. Na primeira noite no acampamento, Joe, o mal-humorado, foi severamente castigado, coisa que *Spitz* nunca conseguira fazer. *Buck* asfixiou-o sob o seu peso, consideravelmente superior, e assim o manteve até ele deixar de morder e começar a ganir por piedade.

A moral da equipagem melhorou imediatamente. Recuperou a sua antiga solidariedade e os cães voltaram a correr como um só entre os arreios. Ao chegarem aos rápidos de Rink, dois *huskies locais, Teek e Koona,* foram acrescentados à equipagem e a rapidez a que *Buck* os submeteu deixou François estupefato:

- Nunca vi um cão como este *Buck!* - exclamava. - Não, nunca! Vale bem uns mil dólares, puxa! Heim!? Que é que você acha, Perrault?

Perrault concordou com a cabeça. Estavam já adiantados em relação ao recorde e ganhavam tempo cada dia.

A pista estava em excelentes condições, bem calcada e dura, e não havia neve fresca contra a qual lutar. Não estava muito frio. A temperatura caíra a cinqüenta graus negativos e assim permanecera toda a viagem. Os dois homens alternavam-se no trenó e na corrida - e os cães mantinham-se em bom andamento, com raras paradas.

O rio Thirty Mile estava relativamente coberto de gelo e num só dia percorreram o trilho que à ida lhes custara dez. Cobriram numa única etapa os noventa e três quilômetros entre o lago Le Barge e os rápidos White Horse. Ao longo de Marsh, Tagish e Bennett (cento e dez quilômetros de lagos) atingiram tal velocidade que o homem a quem cabia correr tinha de ser rebocado por uma corda ligada ao trenó. E na última noite da segunda semana ultrapassaram White Pass e desceram em direção ao mar, com as luzes de Skaguay e dos navios ao fundo.

Foi uma viagem recorde. Em catorze dias fizeram uma média de sessenta e cinco quilômetros diários. Durante três dias, Perrault e François pavonearam-se pela rua principal de Skaguay,

os convites para beber choviam, enquanto a equipagem se tornava o centro venerado das atenções de treinadores de cães e condutores de trenó. Depois, três ou quatro meliantes do Oeste tiveram a idéia de assaltar a cidade, foram crivados de balas e o interesse público voltou-se para novos ídolos. Chegaram então ordens oficiais. François chamou Buck, abraçou-o e chorou. E assim acabaram François e Perrault. Como outros homens, saíram da vida de *Buck* para sempre.

Um mestiço escocês tomou conta dele e dos seus companheiros e, juntamente com uma dúzia de outras equipagens, retomaram o esgotante trilho para Dawson. Desta vez viajavam carregados, não corriam para um recorde, ao contrário labutavam duramente todos os dias, arrastando um pesado carregamento nos trenós, porque pertenciam agora ao trem do correio, levando notícias do mundo aos homens que procuravam ouro à sombra do Pole.

Buck não gostava, mas agüentava bem o trabalho, orgulhando-se dele à maneira de *Dave e Solleks, e* zelava para que os seus companheiros, quer partilhassem esse orgulho, quer não, cumprissem com a parte de esforço que lhes competia. Era uma

vida monótona, regular como um mecanismo. Cada dia era muito semelhante ao anterior. Todas as manhãs, à mesma hora, os cozinheiros saíam, acendiam-se as fogueiras e tomava-se o café da manhã. Depois, enquanto uns levantavam o acampamento, outros atrelavam os cães, e punham-se a caminho cerca de uma hora antes da escuridão começar a desvanecer-se, anunciando o amanhecer. À noite montavam o acampamento. Uns erguiam os toldos, outros cortavam lenha e galhos para as camas e outros ainda acarretavam água ou gelo para os cozinheiros. Os cães eram alimentados. Este era o grande prazer do seu dia, embora também fosse agradável vadiar com os outros cães, depois de comido o peixe. Ao todo, contavam uma boa centena. Havia alguns lutadores ferozes entre os cães, mas três combates com os mais ferozes bastaram para estabelecer a supremacia de *Buck*, que não tinha mais que eriçar o pêlo e mostrar os dentes para que lhe abrissem caminho.

Para *Buck*, o melhor de tudo era estender-se diante do fogo, as patas traseiras dobradas debaixo do corpo, as patas dianteiras esticadas, cabeça erguida e os olhos sonhadores piscando para as chamas. Por vezes, pensava na grande casa do juiz Miller, no ensolarado vale de Santa Clara, no tanque de cimento, em *Ysabel*, a

mexicana sem pêlo, e em *Toots,* o cãozinho japonês, mas com mais freqüência recordava o homem de camisa vermelha, a morte de

Curly, o grande combate com *Spitz* e as coisas boas que tinha comido ou desejava comer. Não tinha saudades de casa. A terra do Sol parecia-lhe muito esbatida e distante, eram recordações que não tinham peso nele. Bem mais potentes eram as recordações da sua hereditariedade, que davam uma aparência de familiaridade a coisas que nunca vira antes, os instintos (que não eram senão as recordações dos antepassados transformadas em hábitos), desvanecidos ao longo do tempo, despertavam e renasciam nele. Por vezes, estendido diante do fogo, pestanejando sonhador perante as chamas, parecia-lhe que estas pertenciam a outra fogueira e que, estendido ao lado dessa outra fogueira, via outro homem, diferente do mestiço, cozinhando diante dele. Esse outro homem tinha pernas mais curtas e braços mais longos, músculos fibrosos e nodosos em lugar dos arredondados e volumosos do mestiço. O cabelo desse homem era comprido e emaranhado e a sua cabeça prolongava-se em forma oblíqua até aos olhos. Emitia sons estranhos e parecia ter muito medo da escuridão, que perscrutava continuamente, comprimindo na mão, que pendia a

meia distância entre o joelho e o tornozelo, um pau a cuja extremidade se fixava uma pedra pesada. Estava seminu, apenas uma pele rota e chamuscada lhe cobria parcialmente as costas, mas tinha o corpo coberto de pêlos, Em alguns pontos, sobre o peito e ombros e pelo exterior dos braços e coxas, esses pêlos assentavam-se quase como os de um animal. Em pé, não ficava ereto, o seu tronco inclinava-se para a frente a partir das ancas, as pernas arqueavam à altura dos joelhos. Todo o seu corpo espelhava uma espécie de elasticidade, uma felina rapidez de reação e um estado de vigilância constante, como alguém que vive no terror perpétuo de coisas conhecidas e desconhecidas.

Outras vezes, esse homem peludo acocorava-se diante do fogo, com a cabeça entre as pernas, e dormia. Nesses momentos, apoiava os cotovelos nos joelhos, entrelaçava as mãos sobre a cabeça, como se quisesse proteger-se da chuva com os braços cabeludos. E para lá do fogo, pela escuridão circundante, Buck via diversos tições brilhantes, dois a dois, sempre dois a dois, que sabia serem os olhos de grandes predadores. Ouvia-os abrir caminho ruidosamente pelo matagal, escutava os barulhos que faziam na noite. E ali, nas margens do Yukon, sonhando com olhos preguiçosos que pestanejavam à luz das chamas, esses sons e

visões de outro mundo faziam eriçar o pêlo do seu dorso pelas espáduas e pescoço, até que ele reprimia um gemido baixo, rosnava suavemente e o cozinheiro mestiço gritava:

- *Buck*, acorda!

Então esse outro mundo desaparecia, o mundo real surgia-lhe diante dos olhos e ele levantava-se, bocejava e espreguiçava-se como quem tivesse estado dormindo.

Foi uma viagem dura, transportando o correio, e o trabalho pesado esgotou-os. Estavam magros e em más condições ao chegar a Dawson e teriam precisado de dez dias, ou pelo menos de uma semana de descanso. Mas decorridos dois dias partiram das BarTacks, descendo a margem do Yukon, carregados com cartas para o exterior. Os cães estavam cansados, os homens descontentes e para maior dificuldade, nevava todos os dias. Isto significava um trilho mole, maior esforço para os corredores que abriam caminho e trabalho mais pesado para os cães. Mas os condutores mantinham o seu sentido de justiça e faziam o que podiam pelos animais.

Todas as noites, eram os cães os primeiros a ser cuidados.

Comiam antes dos condutores e nenhum homem se deitava sem ter primeiro tratado das patas dos cães do seu trenó. Apesar disso, as forças faltavam. Desde o princípio do Inverno tinham percorrido dois mil e novecentos quilômetros, rebocando trenós ao longo de toda a esgotante distância, e dois mil e novecentos quilômetros deixam marcas no mais resistente. Apesar do seu próprio cansaço. Buck agüentava, mantinha os seus companheiros à altura do trabalho e impunha a disciplina. *Billee* latia e gania no seu sono todas as noites. Joe estava mais mal-humorado que nunca e Solleks não permitia que ninguém se aproximasse dele, pelo lado cego ou não. Mas era *Dave* que mais sofria. Não estava bem. Mostrava-se cada vez mais taciturno e irritável, fazia o seu ninho assim que montavam o acampamento e lá era alimentado. Uma vez desaparelhado e deitado, não se levantava até ser tempo de aparelhar de manhã. Uivava de dor com o esforço de fazer arrancar o trenó ou quando alguma guinada mais brusca o sacudia. O mestiço examinou-o, sem resultado. Todos os condutores se interessaram pelo seu caso. Discutiam-no à hora das refeições, durante as últimas cachimbadas ao serão, e uma noite fizeram-lhe um exame. Trouxeram-no do seu ninho para perto da fogueira, sondaram-no e apalparam-no até que ele gritou diversas vezes. Algo

não estava bem no interior do corpo de *Dave,* mas os condutores não descobriam qualquer osso partido e não conseguiam compreender o que seria.

Quando atingiram Cassiar Bay, o cão estava tão fraco que caía repetidamente entre os arreios. O mestiço escocês parou e desatrelou-o, colocando o cão seguinte, Solleks, entre os varais. Pretendia deixar Dave descansar, correndo livremente atrás do

trenó. Doente como estava o cão ressentiu-se de ser desatrelado, rosnou e mostrou os dentes enquanto os arreios eram desatados e ganiu desesperado quando viu *Solleks* ocupar o posto que era seu, onde servira por tanto tempo. Porque tinha o orgulho do trilho e do arreio e mesmo mortalmente doente não suportava ver outro cão fazer o seu trabalho.

Quando o trenó arrancou, patinhou na neve fresca ao lado da pista rija, mordendo Solleks, atacando-o e tentando empurrá-lo para a neve mole do outro lado, esforçando-se para saltar para dentro dos tirantes e colocar-se entre Solleks e o trenó, sempre ganindo, latindo e gemendo de desgosto e dor. O mestiço tentou afastá-lo com o chicote, mas ele ignorou a ferroada do açoite e o homem não teve coragem para bater mais forte. Dave recusou-se a

correr tranqüilamente pela pista atrás do trenó, por onde era fácil caminhar, e continuou pela neve solta, por onde o caminho era mais difícil, até que caiu exausto e aí ficou, uivando tristemente, enquanto o longo trem de trenós passava à sua frente.

Cambaleou atrás deles com o que lhe restava de forças, até que fizeram nova parada. Avançou entre os trenós até encontrar o seu e colocou-se ao lado de Solleks. *O* condutor deteve-se um momento pedindo fogo para o seu cachimbo ao homem do trenó seguinte. Quando voltou e fez avançar os cães, eles saltaram no trilho sem esforço, voltaram as cabeças, admirados, e estacaram. O condutor não estava menos surpreendido: o trenó não se movera. Chamou os seus camaradas para que testemunhassem o fenômeno: *Dave* tinha roído os arreios de *Solleks* e estava imóvel, à frente do trenó, no seu lugar habitual.

Suplicava com os olhos que o deixassem ficar. O condutor estava perplexo. Os seus camaradas falavam de como se podia destroçar o coração de um cão ao qual não se deixava fazer o trabalho que o estava matando. Contavam casos conhecidos, de cães muito velhos para o trabalho, ou feridos, que tinham morrido por serem desatrelados. Visto que *Dave* iria morrer de qualquer modo, entendiam que seria um ato de misericórdia deixá-lo morrer

nos arreios, com o coração leve e satisfeito. Assim, o cão foi de novo atrelado e puxou com o orgulho de sempre, embora as suas dores internas o fizessem por vezes gritar. Caía, os tirantes arrastavam-no, chegou a ser atropelado pelo trenó e passou a coxear de uma perna traseira.

Mas agüentou tudo até chegarem ao acampamento, onde o mestiço lhe arranjou um lugar perto do fogo. A manhã veio encontrá-lo muito fraco para viajar. À hora de aparelhar, tentou arrastar-se para o seu condutor. Com um esforço convulsivo, levantou-se,

cambaleou, caiu. Rastejou então penosamente para onde os seus companheiros estavam sendo atrelados. Adiantava as patas da frente, puxava o corpo com um tranco e recomeçava, uma e outra vez, avançando centímetro a centímetro. As forças faltaram-lhe e a última vez que os seus companheiros o viram, Dave arquejava, estendido na neve, olhando anelante na sua direção. Ouviram-no uivar lamentosamente até desaparecer atrás de um renque de árvores à beira do rio.

O trem parou, o mestiço escocês voltou lentamente sobre os seus passos até ao acampamento que tinham acabado de deixar.

Os homens pararam de falar, ouviu-se um tiro de revólver e o homem regressou depressa. Os chicotes estalaram, os guizos tiniram alegremente, os trenós deslizaram pela pista, mas *Buck* sabia, todos os cães sabiam, o que tinha acontecido atrás do renque de árvores à beira do rio.

A pista e o arreio

Trinta dias após a sua partida de Dawson, o correio de Salt Water chegava a Skaguay, com *Buck* e os seus companheiros à frente. Estavam num estado lastimoso, gastos e exaustos. Os 63 kg *de Buck* tinham descido para 52 kg. Os outros cães, embora mais leves, tinham perdido proporcionalmente mais peso que ele . *Pike*, o manhoso, que na sua vida de mentiras fingira diversas vezes ter uma perna magoada, estava realmente coxo. *Solleks* também coxeava e *Dub* tinha uma omoplata deslocada.

Todos tinham as patas terrivelmente doloridas. Não lhes restava qualquer leveza, qualquer agilidade. As patas caíam pesadamente na pista, abalavam-lhes o corpo, duplicavam a fadiga de cada dia de viagem. Não estavam doentes, mas tomados de uma exaustão mortal. Não a exaustão que resulta de um esforço breve e excessivo, da qual se recupera numa questão de horas, mas a que - provém do lento e prolongado desgaste de forças provocado por meses de labuta. Já não havia capacidade de recuperação, nenhuma reserva de forças à qual recorrer. Tinham consumido até o último vestígio de energia. Cada músculo, cada fibra, cada célula estavam esgotados, mortalmente exaustos. E havia razões para

isso: em menos de cinco meses tinham viajado quatro mil quilômetros, durante os últimos dois mil e novecentos apenas haviam tido cinco dias de repouso. Quando chegaram a Skaguay, pareciam estar no fim. Mal conseguiam manter os tirantes direitos e nas descidas apenas evitavam ser atropelados pelo trenó.

- Vão andando, pobres coitados - encorajava-os o condutor enquanto trotavam pela rua principal de Skaguay. Está acabando. Depois vamos ter um bom descanso. É garantido. Um valentíssimo descanso.

Os condutores aguardavam confiadamente uma longa parada. Também eles tinham percorrido mil e novecentos quilômetros com apenas dois dias de repouso e por direito e justiça mereciam um intervalo reparador. Mas tantos eram os homens que tinham acorrido ao KIondike, e tantas eram as namoradas, mulheres e parentes que os não tinham acompanhado, que o correio amontoado assumia proporções gigantescas. Havia, além disso, ordens oficiais. Novas fornadas de cães frescos de Hudson Bay viriam tomar o lugar dos cães inutilizados pelo trilho. Estes, dada a pouca importância atribuída a cães em comparação com dólares, deveriam ser vendidos.

Decorreram três dias, durante os quais *Buck* e os seus companheiros compreenderam até que ponto estavam fracos e esgotados. Até que, na manhã do quarto dia, dois americanos chegaram e compraram-nos, com arreios e tudo, por tuta e meia. Os homens tratavam-se mutuamente por Hal e Charles. Charles era um homem de meia-idade, de compleição clara, com olhos fracos e aguados e um bigode garbosamente voltado para cima, numa tentativa de disfarçar a moleza dos seus lábios pendentes. Hal era um jovem de dezenove ou vinte anos, que usava um grande revólver *Colt e* uma faca de mato num cinturão repleto de cartuchos. Esse cinturão era a coisa mais notável nele. Proclamava a sua inexperiência, total e inexprimível. Ambos os homens estavam manifestamente deslocados e as razões que poderiam ter levado tal par a aventurar-se no Norte pertencem à natureza dos mistérios insondáveis.

Buck ouviu o regateio, viu o dinheiro passar do homem para o representante do Governo e percebeu que o mestiço escocês e os condutores do trem do correio saíam da sua vida, na esteira de Perrault, François e todos os que tinham passado antes. Chegados ao acampamento do novo dono, *Buck e* os seus companheiros encontraram negligência e desmazelo por toda parte, a tenda mal

esticada, pratos sujos, tudo em desordem. E também lá se encontrava uma mulher. Os homens chamavam-lhe Mercedes. Era mulher de Charles e irmã de Hal - e os três constituíam uma bela reunião familiar.

Buck observou com apreensão o modo como eles desarmavam a tenda e carregavam o trenó. Aparentavam grande esforço, mas não tinham nenhum método. A tenda foi enrolada num

fardo três vezes maior do que deveria ser. Os pratos de estanho foram guardados sujos. Mercedes agitava-se entre os seus homens e produzia uma cadeia ininterrupta de admoestações e conselhos. Quando eles puseram um saco de roupa na parte da frente do trenó, ela declarou que ele iria melhor na parte de trás, e, uma vez o saco carregado atrás e debaixo de alguns outros fardos, ela descobriu artigos esquecidos que não podiam ir senão nesse preciso saco, pelo que os dois homens descarregaram tudo de novo.

Três homens de uma tenda próxima saíram e ficaram olhando**,** sorrindo e piscando o olho uns aos outros.

- Têm uma bela carga assim como está - disse um deles. - E não serei eu quem os ensine o seu trabalho, mas no seu lugar eu

não levava essa tenda.

- Nem pensar! - exclamou Mercedes, erguendo as mãos numa consternação graciosa. - Como eu poderia passar sem tenda?

- É Primavera, já não vão apanhar tempo frio - respondeu o homem.

Ela abanou a cabeça com decisão e Charles e Hal colocaram o que faltava no topo do volumoso carregamento.

- Acham que vai andar? - perguntou um dos homens.

- E porque não? - replicou Charles em tom brusco.

- Oh, está bem, está bem! - apressou-se a contemporizar o outro. – Estava só pensando, mais nada. Parecia-me um pouco desequilibrado.

Charles virou costas e fez o seu melhor para esticar as correias que seguravam a carga, mas o seu melhor não era de modo algum suficiente.

- E, claro, os cães vão poder andar o dia todo com essa engenhoca atrás... - disse um segundo homem.

- Com certeza - respondeu Hal com uma polidez gelada, agarrando o timão com uma mão e estalando o chicote com a outra.

- Vai! - gritou. - Vai, embora!

Os cães saltaram contra as faixas peitorais, forcejaram Por

alguns momentos e pararam. Não conseguiam deslocar o trenó.

- Brutos preguiçosos, eu já lhes canto! - gritou Hal, preparando-se para chicoteá-los.

Mas Mercedes interferiu, tirando-lhe o chicote das mãos e gritando:

- Não, Hal, não faça isso! Os pobres queridos! Tem que me prometer que não vais ser duro com eles durante a viagem, ou eu não dou um passo.

- Grande coisa que você sabe sobre cães - troçou o irmão. - Faça o favor de me deixar em paz. São preguiçosos, e temos de

lhes bater para conseguir alguma coisa deles. É assim que eles são. Pergunte a quem quiser. Pergunte a um daqueles homens.

Mercedes, com toda a repugnância pela dor estampada no seu lindo rosto, lançou-lhes um olhar suplicante.

- Estão sem forças, se é isso que querem saber - foi o comentário de um dos homens. - Completamente exaustos, é o que é. Precisam de descanso.

- O diabo carregue o descanso! - disse Hal com os seus lábios finos e Mercedes soltou um oh! pesaroso ao ouvir a praga.

Mas, imbuída de espírito de clã, saltou em defesa do irmão:

- Não ligue àquele homem - declarou claramente. - Você é que conduz os nossos cães e faça o que achar melhor com eles.

O chicote de Hal caiu de novo sobre os cães. Eles comprimiram-se contra o arreio peitoral, cravaram as patas na neve endurecida, baixaram-se rente ao chão e empregaram toda a sua força. O trenó manteve-se imóvel como uma âncora. Após dois esforços os cães pararam arquejantes. O chicote assobiava selvagemente e Mercedes voltou a interferir. Ajoelhou diante de *Buck,* com lágrimas nos olhos e os braços à volta do pescoço do cão, choramingando compreensivamente:

- Meus pobres, pobres queridos, porque não puxam com força? Não serão chicoteados...

Buck não gostava dela, mas sentia-se muito infeliz para resistir e aceitava tudo como parte do miserável trabalho desse dia..

Um dos homens, que estivera observando, rangendo os dentes para não disparatar, não se conteve:

- Não é que me importe com o que lhes possa acontecer, mas pelo bem dos cães, sempre digo que podem lhes dar uma valente ajuda se soltarem esse trenó. Os patins estão colados ao gelo. Carreguem no timão de um lado e outro e soltem-no.

Fizeram uma terceira tentativa, mas desta vez, seguindo o

conselho, Hal soltou os patins soldados à neve. O trenó, sobrecarregado, avançou pesadamente, *Buck e* os seus companheiros puxaram com frenesi sob uma chuva de chicotadas. Ao cabo de cem metros, o caminho descrevia uma curva e descia abruptamente até a rua principal. Seria necessário um homem experimentado para manter o equilíbrio do trenó mal carregado, e Hal não era tal homem. O trenó voltou-se na curva, derramando o seu conteúdo pelas correias lassas. Os cães continuaram a correr, arrastando o trenó tombado atrás deles. Estavam zangados, por causa dos maus tratos e do peso injusto. Buck estava verdadeiramente furioso. Partiu em corrida e toda a equipagem o seguiu. Hal gritou em vão que parassem, tropeçou e foi derrubado.

O trenó encalhou no seu corpo e os cães precipitaram-se rua acima, provocando a hilaridade de Skaguay ao espalhar o que restava de equipamento ao longo da rua principal.

Alguns cidadãos, condoídos, seguraram os cães e apanharam os pertences dispersos. E deram conselhos. Metade da carga e o dobro dos cães se queriam chegar a Dawson, diziam. Hal, a irmã e o cunhado ouviram de má vontade, armaram a tenda e

vistoriaram a bagagem. Apareceram enlatados, que, sendo absurdos no longo trilho, provocaram risos nos homens presentes. Um deles ria e ajudava, enumerando:

- Cobertores para um hotel. Metade já é demais, livrem-se deles. Joguem fora essa tenda e os pratos todos quem é que vai lavá-los? Deus do Céu, pensam que vão em cruzeiro?!

E assim continuou a inexorável eliminação do supérfluo.

Mercedes chorou quando os seus sacos de roupa foram despejados no chão, peça após peça rejeitada. Chorava por tudo em geral e cada coisa em particular. Torcia as mãos nos joelhos, balançava-se para trás e para diante, mostrava-se destroçada. Afirmou que não dava mais um passo, nem por uma dúzia de Charles. Apelou a tudo e todos, acabando por limpar os olhos e deitar mãos à obra, jogando fora até artigos de primeira necessidade. E, embalada no seu zelo, mal concluiu a escolha dos seus pertences atacou os dos seus homens como um tornado.

Quando acabaram, o equipamento reduzido a metade formava ainda um volume formidável. Charles e Hal saíram à tardinha e trouxeram seis cães do exterior. Estes, juntamente com a equipagem original e *Teek e Koona, os huskies* comprados nos rápidos de Rink quando da viagem recorde, totalizavam uma

equipagem de catorze cães. Mas, apesar de treinados desde a sua chegada, os cães do exterior não valiam muito. Três eram *pointers* de pêlo curto, um era terranova e os outros dois cruzados de raça indeterminada. Eram recém-chegados que pouco sabiam. Buck *e* os seus companheiros olharam-nos com repugnância e, embora *Buck* se apressasse a pô-los no seu lugar e a mostrar-lhes o que não deviam fazer, não podia ensinar-lhes como proceder corretamente. Iam para os arreios de má vontade, com exceção dos dois rafeiros, todos estavam perturbados e de ânimo quebrado pelo ambiente estranho e hostil em que se encontravam e pelos maus tratos que tinham sofrido. Os dois rafeiros não tinham qualquer espécie de ânimo, ossos eram a única coisa que neles havia para quebrar. Com os recém-chegados desesperados e desamparados e a velha equipagem esgotada por quatro mil quilômetros consecutivos de pista, o aspecto geral não era de modo algum

brilhante. Os dois homens, no entanto, mostravam-se muito bem-dispostos e orgulhosos. Estavam fazendo a coisa em grande estilo, com catorze cães. Tinham visto outros trenós partir a caminho de Dawson, ou chegar de Dawson, mas nenhum com tal número de cães. Há uma razão, inerente à viagem ártica, para não pôr catorze

cães a puxar um trenó: é que um trenó não pode levar a comida necessária para catorze cães. Mas Charles e Hal não sabiam disso. Tinham preparado a viagem com papel e lápis, tanto por cão, tantos cães, tantos dias, Mercedes olhava por cima dos ombros deles e concordava, era tudo tão simples.

Na manhã seguinte, o Sol já ia alto, partiram com Buck *à* frente da longa equipagem. Não havia qualquer vivacidade, vigor ou alegria nos animais. Partiam com um cansaço mortal. *Buck* tinha percorrido a distância entre Salt Water e Dawson quatro vezes e saber que enfrentava esse percurso de novo, esgotado como estava, tornava-o amargo. Não punha o coração no trabalho, nem ele nem qualquer dos outros cães. Os do exterior estavam intimidados e assustados, os da equipagem não confiavam nos donos.

Buck pressentia que aqueles homens e aquela mulher não eram dignos de confiança. Não sabiam fazer nada e com o passar dos dias tornou-se evidente que não conseguiriam aprender. Eram desleixados em tudo, não tinham sentido de ordem ou disciplina. Demoravam metade da noite para armar um péssimo acampamento e metade da manhã para levantá-lo e a carregar o trenó com tanta falta de jeito que passavam o resto do dia parando para arrumar

melhor a carga. Havia dias em que não chegavam a andar quinze quilômetros, outros em que nem sequer conseguiam partir. E em nenhum dia cumpriram mais do que metade da distância diária em que os homens haviam baseado os cálculos para alimentação dos cães.

Era inevitável que a comida dos animais viesse a faltar. Para agravar as coisas, estavam sendo superalimentados, o que apenas antecipava o dia em que a subalimentação teria de começar. Os cães do exterior, cujos aparelhos digestivos ainda não tinham se adaptado à fome perpétua, aprendendo a extrair o máximo de nutrição do mínimo de alimento, tinham apetites vorazes. E, vendo que os *huskies* esgotados não tinham força suficiente para puxar, Hal decidiu que a ração habitual era muito pequena. Dobrou-a. Para cúmulo, quando as lágrimas dos seus lindos olhos e a sua voz trêmula não conseguiam convencer o irmão a dar ainda mais comida aos animais, Mercedes roubava dos sacos de peixe seco e alimentava-os às escondidas. Mas não era comida o que faltava a

Buck e aos *huskies,* era descanso. E embora estivessem andando pouco, a carga que levavam era de tal modo pesada que as suas

forças se exauriam rapidamente.

Chegou por fim a subalimentação. Um belo dia, Hal acordou para o fato de que as provisões para os cães estavam reduzidas a metade e havia ainda três quartos do percurso por fazer. Além disso, nem amizade, nem dinheiro lhes podiam trazer mais comida naquelas paragens. Hal reduziu então até mesmo a ração habitual e tentou aumentar a velocidade diária. A irmã e o cunhado apoiavam-no, mas as suas intenções eram frustradas pelo excesso de equipamento e pela incompetência. Era fácil dar menos comida aos cães, mas era impossível fazê-los viajar mais depressa quando a sua própria lentidão ao levantar o acampamento de manhã os impedia de viajar mais horas. Não só não sabiam fazer trabalhar os cães como não sabiam trabalhar eles próprios.

O primeiro a morrer foi Dub. Pobre gatuno desajeitado que era, sempre apanhado em flagrante, era também um trabalhador fiel. A sua omoplata deslocada, sem tratamento nem repouso, foi de mal a pior até que Hal acabou por matá-lo com um tiro do seu grande *Colt.* Na região dizia-se que um cão do exterior passava fome com a ração de um *husky.* Os seis cães do exterior que tinham sido integrados na equipagem não podiam, pois senão morrer de fome com metade da ração de um *husky.* O primeiro foi o terra-nova,

seguido pelos três *pointers.* Os dois rafeiros agarraram-se à vida com mais tenacidade, mas acabaram por morrer também.

Por essa altura, toda a amenidade e gentileza do Sul tinham desaparecido daquelas três pessoas. Despida da aura de mistério e romance, a viagem ártica surgia-lhes em toda a sua realidade demasiado áspera para os seus caracteres fracos. Mercedes deixou de chorar pelos cães, muito ocupada em chorar por si própria e em discutir com marido e com o irmão. Discutir parecia mesmo ser a única coisa que eles nunca estavam muito cansados para fazer. A irritabilidade causada pelo sentimento de infelicidade aumentou, duplicou, excedeu a própria infelicidade. A maravilhosa paciência que caracteriza os homens que trabalham duramente, sofrem amargamente e permanecem calmos e amistosos, não se formou naquela gente. Não tinham a menor noção do que tal paciência pudesse ser. Sentiam-se hirtos e doloridos, doíam-lhes os músculos, os ossos, o próprio coração e isso tornava a sua conversa agressiva, as suas palavras duras desde o princípio da manhã até à hora de deitar.

Charles e Hal brigavam sempre que Mercedes o permitia.

Cada um estava firmemente convencido de que trabalhava mais do

que devia e não perdia qualquer oportunidade de dize-lo. Mercedes ora tomava o partido do marido ora o do irmão. O resultado era uma bela e interminável zanga familiar. De uma discussão sobre qual deles deveria ir rachar uns quantos paus de lenha para a fogueira - assunto que só a Charles e a Hal dizia respeito - em breve surgia uma questão sobre o resto da família, mães, pais, tios, primos, gente que estava a milhares de quilômetros de distância, alguns já mortos. A relação entre as idéias de Hal sobre arte, ou o tipo de peças sociais que o irmão da sua mãe escrevia, e a necessidade de rachar meia dúzia de paus de lenha era totalmente incompreensível. No entanto era tão provável que a discussão derivasse para esse tema como para o dos preconceitos políticos de Charles. E que a língua viperina da irmã de Charles tivesse alguma importância para acendê-lo de uma fogueira no Yukon era óbvio apenas para Mercedes, que debitava abundantes opiniões a respeito dessa e de outras características menos agradáveis da parentela do marido. Nesse meio-tempo a fogueira continuava por acender, o acampamento por montar e os cães por alimentar.

Mercedes alimentava um desgosto particular - o desgosto do seu sexo. Era bonita e frágil e toda a sua vida fora tratada com cavalheirismo.

Ora, o tratamento que agora recebia do marido e do irmão nada tinha de cavalheiresco. Era seu hábito mostrar-se desamparada, eles queixaram-se. Perante tal desrespeito por aquilo que ela considerava ser a mais essencial prerrogativa do seu sexo, Mercedes fazia-lhes a vida um inferno. Já não se importava com os cães e, como estava amargurada e cansada, insistia em viajar no trenó. Era bonita e frágil, mas pesava 55 kg - uma vigorosa última gota a acrescentar à carga transportada pelos animais enfraquecidos e esfomeados. Viajou assim dias a fio, até que os cães caíram entre os arreios e aí ficaram. Charles e Hal imploraram-lhe que descesse e fosse a pé, rogaram, suplicaram, enquanto ela chorava e desfiava perante os céus o rosário das brutalidades que sofria.

Uma vez fizeram-na descer à força. Não voltaram a fazê-lo.

Ela deixou-se cair como uma criança mimada e ficou sentada no chão. Eles prosseguiram, mas ela não se mexeu. Ao cabo de cinco quilômetros descarregaram o trenó, voltaram atrás e tiveram que pegar nela em peso para instalá-la de novo no veículo.

Dominados pela infelicidade que sentiam, eram cruéis perante o sofrimento dos animais. Hal perfilhava a idéia, que aplicava aos outros, de que era necessário endurecer perante as

circunstâncias. Começou por pregar essa teoria à irmã e ao

cunhado, mas, tendo falhado, tratou de incuti-la nos cães à bastonada. Quando chegaram a Five-Fingers, acabaram-se as provisões para os animais e uma índia desdentada propôs-lhes a troca de alguns quilos de couro de cavalo congelado pelo revólver *Colt* que acompanhava a grande faca de mato no cinturão de Hal. Este couro era um pobre substituto para alimento, tendo sido cortado de cavalos mortos de fome havia seis meses. Congelado, assemelhava-se a tiras de ferro galvanizado e quando os cães o conseguiam meter no estômago, desfazia-se em fitas finas, coriáceas e pouco nutritivas e numa massa de pêlo impossível de digerir.

E Buck continuava cambaleando à frente da equipagem, como se caminhasse num pesadelo. Puxava enquanto podia - quando lhe faltavam forças com que puxar caía e ficava estendido até que as pancadas do chicote ou do bastão o faziam erguer outra vez. O seu belo pêlo perdera brilho e volume, pendia flácido e sujo, manchado de sangue seco onde o bastão de Hal o ferira. Os seus músculos tinham-se transformado em cordéis nodosos e a carne

desaparecera, de modo que cada costela, cada osso, se delineava com nitidez sob a pele pendente e enrugada em dobras vazias. Era de partir o coração, mas o coração de *Buck* era inquebrável. O homem de camisa vermelha o tinha provado!

O que acontecia a *Buck,* acontecia aos seus companheiros. Estavam reduzidos a esqueletos móveis. Eram sete ao todo, incluindo *Buck.* A sua imensa miséria tornara-os insensíveis ao golpe do chicote e à pancada do bastão. A dor das pancadas era embotada e distante, tal como tudo o que os seus olhos viam e os seus ouvidos captavam. Não estavam apenas semimortos: eram meros sacos de ossos onde algumas fracas centelhas de vida flutuavam ainda. Em cada parada, tombavam entre os arreios como cadáveres e as centelhas esmoreciam, empalideciam, pareciam se apagar. E quando o bastão ou o chicote caíam sobre eles, as centelhas reacendiam-se ligeiramente, eles punham-se em pé, vacilantes, e prosseguiam, cambaleando.

Um dia, *Billee,* o de bom feitio, caiu e não se levantou. Hal tinha trocado o revólver, portanto pegou no machado e vibrou um golpe na cabeça de *Billee* - ainda entre os arreios -, depois desatrelou o corpo e arrastou-o para o lado. *Buck* viu, os outros cães viram, e todos sabiam que era algo que lhes tocava de muito

perto. No dia seguinte foi *Koona e* já só restavam cinco cães: *Joe,* muito exausto para ser maldoso, Pike, aleijado e coxo, semi-inconsciente e não mais capaz de usar de manha; *Soleks, o* zarolho, sempre fiel ao trilho e ao arreio, triste por ter tão pouca força para

puxar; *Teek,* que não viajara tanto como os outros naquele Inverno e apanhava agora mais pancada porque estava mais fresco *e Buck,* ainda à frente da equipagem, mas sem fazer qualquer esforço para impor a disciplina, meio cego de fraqueza, orientando-se na pista apenas pelo seu brilho vago e tateando com os pés.

Estava um belo tempo de Primavera, mas nem homens nem cães tinham consciência disso. Todos os dias o Sol nascia mais cedo e se punha mais tarde. Amanhecia por volta das três da manhã e o crepúsculo durava até às nove da noite. O sol brilhava todo o dia. O silêncio fantasmagórico do Inverno dera lugar ao grande murmúrio primaveril a vida renovada, que se fazia ouvir por toda a parte, plena de alegria de viver. Provinha de tudo o que voltava a viver e a mover-se, tudo o que tinha estado imobilizado e como morto durante os longos meses de gelo. A seiva corria nos pinheiros. Os salgueiros e as faias floresciam em novos rebentos. Arbustos e trepadeiras revestiam-se de verde. Grilos cantavam na noite e

durante o dia toda a espécie de criaturas se arrastavam para o sol. Perdizes e pica paus tamborilavam e restolhavam na floresta. Os esquilos conversavam, os pássaros cantavam e no ar soava o grasnido das aves migratórias que regressavam do Sul em bandos, rasgando o céu.

De cada encosta vinha o som de água corrente, a música de fontes escondidas. Tudo derretia, vergava, irrompia. O Yukon lutava para partir o gelo que o reprimia, gastava-o por baixo, o sol gastava-o por cima. Formavam-se bolhas de ar, abriam-se fissuras que se espalhavam e grandes pedaços de gelo fino caíam inteiros no rio. E através deste florescer, abrir, pulsar da vida, sob um Sol brilhante e entre brisas suaves, os dois homens, a mulher e *os huskies* avançavam como caminhantes da morte.

Com os cães caindo, Mercedes chorando e viajando no trenó, Hal praguejando sem objetivo e Charles com os olhos melancolicamente aguados, cambalearam pelo acampamento de John Thornton na foz do rio Branco. Assim que pararam, os cães tombaram como mortos. Mercedes limpou os olhos e olhou para John Thornton. Charles sentou-se num tronco para descansar. A rigidez do seu corpo fazia-lhe os movimentos lentos e penosos. Hal fez as despesas da conversa. John Thornton estava dando os

últimos retoques num cabo de machado que fizera de um ramo de vidoeiro. Aparava e ouvia, respondia por monossílabos e dava conselhos concisos quando os pediam. Conhecia aquele tipo de gente e fazia as suas recomendações com a certeza de que não iriam ser seguidas.

- Disseram-nos lá em cima que o trilho estava degelando e que o melhor que tínhamos a fazer era esperar - disse Hal em resposta ao aviso de Thornton de que não se deveriam arriscar mais no gelo estalado, - Disseram-nos que não íamos conseguir chegar ao rio Branco e aqui estamos! - concluiu com um toque escarninho de triunfo.

- E disseram-lhes a verdade - respondeu John Thornton. - O gelo vai ceder a qualquer momento. Só tolos, com a sorte louca dos tolos, conseguiriam chegar aqui. Digo de cara, nem todo o ouro do Alasca me faria arriscar a carcaça naquele gelo.

- Isso é porque você não é tolo, calculo eu - comentou Hal. - De qualquer maneira, nós seguimos para Dawson e, desenrolando o chicote, bradou:

- De pé, *Buck!* Vá! De pé! Andando! Vai!

Thornton continuou a aparar o seu cabo de machado. Sabia que era inútil meter-se entre um louco e a sua loucura, além de que dois ou três loucos a mais ou a menos não iam alterar o esquema das coisas.

Mas a equipagem não se levantou ao ouvir a ordem, Havia muito que tinham chegado ao ponto em que só pancada os fazia pôr em pé. O chicote estalou, caindo aqui e ali na sua função impiedosa. John Thornton comprimiu os lábios. *Solleks* foi o primeiro a erguer-se com dificuldade.

A seguir *Teek, depois* Joe, ganindo com dores. *Me* fez esforços dolorosos. Por duas vezes, já meio levantado, voltou a cair. Conseguiu, por fim, ficar de pé à terceira tentativa. *Buck* não tentou. Ficou estendido no lugar onde caíra. O chicote feriu-o uma e outra vez, mas ele nem gania nem lutava. Diversas vezes, Thornton fez menção de falar e desistiu. Tinha os olhos úmidos e, enquanto o cão continuava a ser açoitado, levantou-se e pôs-se a caminhar com ar irresoluto para a frente e para trás.

Era a primeira vez que Buck falhava, o que só por si bastava para enfurecer Hal. Trocou o chicote pelo bastão. *Buck* não se moveu, apesar da chuva de pancadas, agora mais fortes, que continuava a cair sobre ele. Como os seus companheiros, mal

conseguia pôr-se em pé, mas, ao contrario deles, estava decidido a não o fazer. Tinha um vago pressentimento de desgraça iminente, que lhe surgira ao seguir pela margem do rio e esse pressentimento não desaparecera. O gelo fino e quebradiço que sentira debaixo dos pés o dia inteiro causava-lhe uma sensação de desastre próximo e era exatamente para esse gelo que o seu dono queria leva-lo. Recusou a mexer-se. Tinha sofrido tanto, estava tão inconsciente, que as pancadas pouco lhe doíam. À medida que elas caíam, a

centelha de vida nele tremeu e diminuiu. Estava quase apagada. Buck sentia-se estranhamente entorpecido. Sabia que estavam lhe batendo, mas era como um sonho distante. A última sensação de dor abandonou-o. Nada sentia, ouvia apenas o som enfraquecido do impacto do bastão no seu corpo, mas nem era bem o seu, tão distante lhe parecia.

De súbito, John Thornton soltou um grito rouco que mais parecia o de um animal e arremeteu contra o homem que empunhava o bastão. Hal foi atirado para trás, como se tivesse sido atingido pela queda de uma árvore. Mercedes gritou. Charles olhou com tristeza, secou os olhos, mas o seu corpo hirto não o deixou levantar.

John Thornton parou ao lado de *Buck*, lutando para se controlar, tão furioso que não conseguia falar.

- Se voltar a bater neste cão, eu o mato! - disse por fim numa voz sufocada.

- O cão é meu - respondeu Hal, que se erguia limpando o sangue da boca. - Saia da minha frente, ou dou cabo de você. Vou para Dawson.

Thornton estava entre Hal e *Buck e* não manifestava qualquer intenção de se afastar. Hal puxou da sua grande faca de mato. Mercedes gritava, ria, chorava, abandonava-se a todo o caos da histeria. Thornton vibrou uma pancada seca com o cabo do machado nos nós dos dedos de Hal e a faca tombou. Voltou a bater-lhe nos nós dos dedos quando Hal tentou apanha-la, curvou-se, pegou ele a faca e, com dois golpes, cortou os arreios de *Buck.*

Hal perdera a vontade de lutar. Além disso, tinha as mãos ou melhor, os braços muito ocupados pela irmã, e quanto a *Buck*, estava muito próximo da morte para ser de qualquer utilidade com o trenó. Minutos depois, saíam da margem e corriam pelo rio. Buck ouviu-os partir e levantou a cabeça para vê-los. *Pike* ia à frente, Solleks nos varais e *Joe e Teek* no meio. Coxeavam e cambaleavam. Mercedes viajava no trenó carregado. Hal conduzia e

Charles seguia-os aos tropeções.

Enquanto Buck os olhava, Thornton ajoelhou ao seu lado e procurou ossos partidos com as suas mãos ásperas e bondosas. Quando concluiu que não havia senão uma quantidade de feridas e um terrível estado de fraqueza, o trenó estava a quinhentos metros de distância. Cão e homem ficaram a vê-lo avançar lentamente sobre o gelo. De súbito, viram a parte de trás inclinar-se como se tivesse caído num sulco profundo e o timão ao qual Hal se agarrava foi projetado no ar. Ouviram o grito de Mercedes. Viram Charles virar-se e dar um passo para fugir, depois o gelo cedeu e pessoas e

cães desapareceram. Tudo o que restava era um buraco. O trilho tinha degelado. John Thornton e *Buck* olharam um para o outro.

- Seu pobre diabo - disse John Thornton.

E *Buck* lambeu-lhe a mão.

Por amor de um homem

Quando os pés de John Thornton tinham gelado, em Dezembro do ano anterior, os seus companheiros tinham-no instalado confortavelmente, deixando-o ficar para que se recompusesse e prosseguindo eles a viagem rio acima para ir buscar os toros para serração destinados a Dawson. Ele ainda coxeava ligeiramente quando salvou *Buck*, mas a continuação do tempo quente acabou de curá-lo. Foi nesse acampamento, estendido à beira-rio durante os longos dias de Primavera, olhando a água corrente, ouvindo preguiçosamente o canto dos pássaros e o murmúrio da natureza, que *Buck* recuperou as forças.

Um repouso sabe muito bem depois de se ter caminhado quase cinco mil quilômetros e torna-se necessário confessar que *Buck* se abandonou à preguiça enquanto as suas feridas saravam, os músculos se avolumavam e a carne voltava a lhe cobrir os ossos. De fato, todos preguiçavam *(Buck*, John Thornton, *Skeet e* Nig), enquanto esperavam a jangada que havia de leva-los para Dawson. *Skeet*, uma pequena *setter* irlandesa, depressa se fez amiga de *Buck*, que, moribundo, não conseguia rejeitar os seus avanços. Ela possuía as características de curandeira de certos cães e, como

uma gata com a sua ninhada, lambia e limpava as feridas dele. Todas as manhãs, depois do café da manhã, executava a tarefa que se impusera, até que ele passou a procurar tanto os seus cuidados como os de Thornton. Nig, igualmente amistoso embora menos expansivo, era um enorme cão negro, meio sabujo, meio galgo, com olhos risonhos e um inabalável bom feitio.

Para grande surpresa de *Buck*, os outros cães não manifestavam qualquer ciúme a seu respeito. Pareciam partilhar da bondade e generosidade de John Thornton. À medida que ele se restabelecia, faziam-no participar de toda a espécie de jogos ridículos aos quais o próprio Thornton acabava por se juntar – e foi desse modo brincalhão que *Buck* fez a sua convalescença e começou uma nova vida. Pela primeira vez sentia amor, um amor genuíno e apaixonado. Nunca experimentara tal sentimento na casa do Juiz Miller, no ensolarado vale de Santa Clara: com os filhos do juiz, caçando e passeando, era uma relação de trabalho, com os

netos do juiz, uma proteção pomposa e, com o próprio juiz, uma amizade formal e digna. Mas amor, fervoroso e ardente, amor que era adoração, que era loucura, só John Thornton tinha sabido despertar.

Esse homem tinha salvo a sua vida, o que era muito, mas era, além disso, o dono ideal. Outros homens cuidavam dos seus cães por sentido de dever ou necessidade profissional, ele cuidava dos seus como se de filhos se tratasse, porque não podia evitar. E mais: nunca faltava com uma saudação bondosa ou uma palavra alegre e tinha tanto prazer como os próprios cães em sentar-se com eles para uma longa conversa - para tagarelar, como ele dizia. Tomava a cabeça de *Buck* nas mãos, encostava-lhe a sua, balançava-o docemente e ia-lhe chamando de nomes feios, que para ele eram palavras de amor. Nada havia que desse *a Buck* mais alegria que aquele abraço rude e o som das pragas murmuradas, e a cada balanço parecia que o coração ia lhe saltar do peito, tão grande era a sua felicidade. Quando Thornton o largava e ele saltava, o riso na boca, os olhos eloqüentes, a garganta a vibrar de sons mudos e ficava assim, sem se mexer, John Thornton exclamava com admiração:

- Meu Deus! Só te falta falar!

Buck tinha uma forma peculiar de exprimir o seu amor: agarrava a mão de Thornton com a boca e comprimia-a de tal modo que lhe deixava a marca dos dentes. E tal como o cão recebia as pragas como palavras de amor, também o homem entendia a

dentada fingida como sendo uma carícia.

A maior parte do tempo, no entanto, o amor de *Buck* exprimia-se em adoração. Embora ficasse louco de alegria quando Thornton o acariciava ou falava com ele, não procurava manifestações de afeto. Ao contrário de *Skeet*, *que* tinha o hábito de enfiar o focinho debaixo da mão do dono e se agitava até que ele a acariciasse, ou de *Nig*, que avançava solenemente e pousava a enorme cabeça nos joelhos do homem, Buck contentava-se em adorá-lo à distância. Ficava estendido horas a fio aos pés de Thornton, absorto nele, olhando-lhe o rosto, contemplando-o, estudando-o, bebendo cada expressão fugaz, cada movimento, cada alteração nas feições. Ou, ao sabor do acaso, deitava-se mais longe, ao lado, atrás, observando as formas do homem e todos os movimentos do seu corpo. E tal era a comunhão em que viviam, que freqüentemente a força do olhar de *Buck* fazia John Thornton voltar a cabeça e devolver o olhar, sem falar, o coração brilhando-lhe nos olhos tal como o coração do cão brilhava nos seus.

Muito tempo depois do seu salvamento, *Buck ainda* não gostava que Thornton saísse da sua vista. Colava-se aos seus

calcanhares desde que ele saía da tenda até que voltasse a entrar. A transitoriedade dos seus donos desde que viera para o Norte incutira-lhe o medo de que nenhum fosse permanente. Receava que Thornton saísse da sua vida tal como Perrault, François e o mestiço escocês. Esse receio perseguia-o mesmo em sonhos. Então acordava e arrastava-se pela friagem até à entrada da tenda e aí ficava, ouvindo o som da respiração do dono.

O grande amor que devotava a John Thornton poderia tê-lo abrandado com a sua influência civilizadora, mas a estirpe primitiva, ressuscitada nele pelo Norte, mantinha-se viva e ativa. Fidelidade e devoção, nascidas nas eras de conforto doméstico, eram características suas, mas mantinha a sua selvajaria e a sua astúcia. Mais do que um cão das suaves terras do Sul, moldado por gerações de civilização, ele era um ente selvagem, saído da selva para se sentar ao fogo de John Thornton. Devido ao seu grande amor, era incapaz de roubar esse homem, mas roubava qualquer outro, em qualquer acampamento, sem hesitar e com tal habilidade que sempre escapava insuspeito.

Corpo e focinho ostentavam as marcas dos dentes de muitos cães e ele lutava com a ferocidade de sempre e mais astúcia. *Skeet e Nig* eram muito bem-humorados para brigas, além

de que pertenciam a John Thornton - mas qualquer cão desconhecido, qualquer que fosse a sua raça ou a sua coragem, era obrigado a reconhecer rapidamente a supremacia de *Buck*, ou dava por si a lutar pela própria vida com um terrível antagonista. E *Buck* era impiedoso. Tinha aprendido bem a lei do bastão e das presas e nunca desprezava uma vantagem nem poupava um adversário que tivesse iniciado o caminho da morte. Tivera *Spitz* e os principais cães lutadores da polícia e do correio por mestres e sabia que uma luta não se concluía pela metade. Era preciso dominar ou ser dominado, mostrar misericórdia era fraqueza: não havia piedade no mundo primitivo, era tomada por medo e uma tal confusão podia ocasionar a morte. Mate ou seja morto, coma ou seja comido, era essa a lei, vinda da profundeza do tempo e a ela obedecia.

Era mais velho que os dias que tinha vivido, um elo entre passado e presente. A eternidade que continha em si pulsava com um ritmo poderoso e comandava-o como comanda as marés e as estações. Sentava-se junto ao fogo de John Thornton, um cão de peito largo, presas brancas e pêlo longo, mas atrás dele espreitavam as sombras de toda a espécie de cães, semi-lobos e

lobos selvagens, impacientes e insistentes, saboreando a carne que

ele comia,
sequiosos da água que ele bebia, farejando o vento com ele,
ouvindo com ele os
sons da vida selvagem na floresta e revelando-lhes, ditando-lhe os
seus humores
e dirigindo as suas ações, deitando-se com ele para dormir quando
ele se deitava,
sonhando com ele e para além dele até se tornarem na própria
substância dos
sonhos dele.
Tão peremptório era o chamado destas sombras que cada
dia a humanidade e as suas pretensões lhe pareciam mais
distantes. Um apelo soava no interior da floresta e sempre que ouvia
esse apelo, misteriosamente estimulante e atraente, era compelido a
virar costas ao fogo e à terra batida em redor e a mergulhar na
floresta, cada vez mais longe, sem saber para onde nem por que e
sem se preocupar em saber, sentindo o apelo que soava imperioso
nas profundezas do mato. Mas mal atingia o interior do bosque
sombreado de verde, o amor por John Thornton trazia-o de volta à
fogueira.
Só Thornton o prendia. O resto da humanidade não contava.

Viajantes que passavam pelo acampamento podiam elogiá-lo e acariciá-lo, mas ele mantinha-se frio e quando algum dos homens se mostrava mais extrovertido, levantava-se e afastava-se. Quando os sócios de Thornton, Hans e Pete, chegaram na tão esperada jangada, *Buck* recusou-se a reconhecer a sua presença até perceber que eram amigos de Thornton, passou então a tolerá-los, de uma maneira passiva, aceitando favores deles como se essa aceitação fosse um favor. Tal como Thornton, eram homens grandes e práticos, de pensamento simples e compreensão clara e antes de lançarem os toros no turbilhão da serração de Dawson, já tinham entendido *Buck e* as suas maneiras e não insistiram em obter dele uma intimidade semelhante àquela de que gozavam com *Skeet e Nig.*

O seu amor por Thornton, no entanto, não parava de crescer. Thornton era o único homem que conseguia atar um pacote às costas de *Buck* para as viagens de Verão. Nada era muito difícil para ele desde que Thornton o desejasse. Um dia (tinham gasto o dinheiro dos toros e deixado Dawson em direção às nascentes do Tanana), homens e cães estavam sentados no topo de uma escarpa que descia até um leito de rocha noventa metros mais abaixo John Thornton estava sentado à beira do precipício com *Buck* a seu lado.

Foi tomado por um capricho e, sem pensar, chamou a atenção de Hans e Pete para a experiência que tinha em mente:

- Salte, *Buck!* - ordenou, estendendo o braço sobre o abismo.

Um instante depois, agarrava Buck firmemente sobre a borda, enquanto Hans e Pete os arrastavam de volta a terreno firme.

- É esquisito - declarou Pete, quando recobraram a fala depois de tudo passado. Thornton abanou a cabeça.

- Não, é esplêndido... e terrível também. Sabe, às vezes me mete medo.

- Não queria estar na pele de um homem que te ponha as mãos em cima estando ele por perto - proclamou Pete à laia de conclusão, indicando *Buck* com a cabeça.

- Com certeza, eu também não! - reforçou Hans.

Foi em CircIe City, antes do fim do ano, que as apreensões de Pete se realizaram. O negro Burton, homem maldoso e mal-humorado, estava implicando com um rapaz fracote no bar. Thornton meteu-se bondosamente no meio. *Buck* estava estendido num canto com a cabeça entre as patas e, como de costume, não tirava os

olhos do dono. Burton atirou um soco repentino com toda a sua força. Thornton rodopiou e só evitou a queda agarrando o corrimão do balcão, os homens que olhavam ouviram algo que não era latido nem uivo, mas rugido, e viram o corpo de *Buck* elevar-se no ar, direito à garganta de Burton. O homem salvou-se levantando instintivamente o braço, mas foi atirado ao chão com o cão em cima dele. *Buck* soltou o braço e voltou a procurar o pescoço. Desta vez o homem só pôde se defender parcialmente e a garganta foi rasgada. Por essa altura, a multidão rodeava *Buck* e arrastava-o dali, não sem que ele se debatesse, rosnasse furiosamente e tentasse atacar, recuando apenas perante uma barreira hostil de bastões, enquanto um cirurgião estancava a hemorragia do homem. Um tribunal sumário, convocado no momento, decidiu que o cão tinha sido suficientemente provocado e absolveu-o. Mas o episódio fez a sua reputação e desde esse dia o seu nome correu célebre pelos acampamentos do Alasca.

Mais tarde, no Outono, salvou John Thornton de um modo bem diferente. Os três sócios navegavam à vara, num bote longo e estreito, através de uma difícil extensão de rápidos no Forty-Mile Creek. Hans e Pete caminhavam pela margem, amarrando um cabo fino de árvore em árvore, enquanto Thornton, no bote, orientava a

descida com a vara e gritava instruções para a margem. *Buck,* preocupado e ansioso, mantinha-se a par do bote, sem tirar os olhos do dono.

51

Numa passagem particularmente difícil, onde uma saliência rochosa se delineava no rio, à flor da água, Thornton manobrou o bote para o meio da corrente, enquanto Hans dava corda e corria pela margem com a ponta na mão de modo a amarrar de novo o bote do outro lado da saliência. Assim fez, o bote voava na corrente, rápido como a roda de um moinho e, quando Hans esticou a amarra, o fez com demasiada brusquidão. O bote inclinou-se e deslizou de borco para a margem, enquanto Thornton, projetado à distância, era levado pela corrente em direção à parte mais perigosa dos rápidos, uma extensão de água tumultuosa na qual era impossível nadar, Buck mergulhou no mesmo instante e alcançou Thornton uns trezentos metros mais adiante, num louco turbilhão de água. Quando sentiu o dono agarrar-lhe a cauda, nadou para a margem com toda a sua esplêndida força. Mas o progresso em direção a terra era muito lento, enquanto a corrente os levava rio abaixo com uma rapidez surpreendente. Mais abaixo ouvia-se o rugido fatal das águas revoltas que explodiam em gotículas nas rochas que

perfuravam o rio como dentes de um pente gigantesco. A água sugava com uma força tremenda ao arremessar-se contra o último desfiladeiro e Thornton sabia que não era possível alcançar a margem. Raspou brutalmente contra uma rocha, bateu numa segunda e foi esmagado contra uma terceira. Agarrou-se ao topo escorregadio com ambas as mãos, soltando Buck, e gritou através do estrondo da água espumante:

- Vá, *Buck!* Vá!

Buck não conseguiu manter a sua posição e foi arrastado pela corrente, lutando desesperada e inutilmente para voltar atrás. Quando ouviu Thornton repetir a ordem, ergueu-se na água, levantou a cabeça bem alto como para um último olhar, depois obedeceu e nadou para a margem. Nadava poderosamente e foi puxado por Pete e Hans no último momento, no ponto onde a força da corrente se tornava irresistível e a morte certa.

Sabiam que um homem não conseguiria manter-se agarrado a uma rocha escorregadia contra a força das águas por mais que poucos minutos e correram pela margem o mais depressa que puderam, só parando bastante acima do lugar onde Thornton se agarrava à sua rocha. Aí ataram a amarra do bote ao pescoço e espáduas de *Buck* cuidando que ela não o estrangulasse nem lhe

impedisse os movimentos, e lançaram-no na corrente. O cão mergulhou com ímpeto, mas não o suficiente. Descobriu o seu erro muito tarde, quando se viu passar impotente diante de Thornton, a poucas braçadas de distância, Hans amarrou logo a corda, como se tratasse fosse um barco. A amarra esticou bruscamente em torno de

Buck, virou-o contra a corrente e puxou-o debaixo de água até que o seu corpo bateu na margem e o arrastaram para terra. Estava meio afogado e Hans e Pete precipitaram-se para ele, bombeando o ar para dentro e a água para fora. Tentou levantar-se, cambaleou e tombou. O som abafado da voz de Thornton chegou até eles e, embora não conseguissem distinguir as palavras, compreenderam que ele estava no limite das forças. A voz do dono atingiu Buck como um choque elétrico. Pôs-se em pé de um salto e correu pela margem à frente dos homens até ao ponto do mergulho anterior.

A corda foi de novo atada e ele lançado, mais uma vez

nadou, mas agora direto para a corrente. Tinha cometido um erro de cálculo uma vez, não o faria segunda. Hans dava corda, mantendo-a tensa, e Pete evitava que ela se enrolasse. Buck flutuou até ficar paralelo a Thornton, depois se voltou e nadou para ele com a

velocidade de um trem expresso. Thornton viu-o chegar e, quando o cão bateu nele como um aríete - com toda a força da corrente somada à sua Thornton estendeu os braços e lançou-os em volta do pescoço hirsuto do animal. Hans prendeu a corda a uma árvore e cão e homem foram puxados para debaixo da água. Estrangulados, sufocados, ora um em cima, ora o outro, arrastados sobre o fundo irregular, raspando em rochas e pedaços de madeira, rumaram para a margem.

Thornton voltou a si de barriga para baixo, enquanto Hans e Pete o massageavam com violência sobre um tronco. O seu primeiro olhar foi para *Buck: Nig* uivava ao lado do corpo flácido e aparentemente sem vida *e Skeet* lambia-lhe o focinho molhado e os olhos fechados. Thornton, que estava ferido e dolorido, observou com cuidado o corpo do seu cão assim que ele recuperou a consciência e, encontrou três costelas quebradas.

- Está resolvido - declarou Thornton. - Acampamos aqui mesmo.

E assim fizeram até que as costelas de *Buck* sararam e ele pôde viajar.

No Inverno seguinte, em Dawson, Buck realizou outra proeza, não tão heróica mas que nem por isso deixou de elevar o

seu nome aos píncaros da fama no Alasca. Essa proeza foi particularmente gratificante para os três homens, que tinham grande necessidade do equipamento que ela lhes proporcionou e obtiveram assim a oportunidade de fazer uma muito desejada viagem às terras virgens do Leste, onde os mineiros ainda não tinham chegado. Tudo começou com uma conversa no Eldorado Saloon, onde os homens se gabavam dos seus cães favoritos. Devido à sua reputação, *Buck* era o alvo da conversa dos outros homens e Thornton saiu

resolutamente em sua defesa. Ao cabo de meia hora um dos homens afirmou que o seu cão era capaz de fazer arrancar um trenó com 200 kg de carga e puxá-lo, outro homem reclamou 250 kg para o seu cão e, um terceiro, 350 kg.

- Pfut! - fez John Thornton. - *Buck é* capaz de fazer arrancar 500 kg.

- E soltar o trenó? E puxá-lo por cem metros? - perguntou Matthewson, novo-rico e fanfarrão, o homem dos 350 kg.

- E soltá-lo, e puxá-lo por 100 metros - respondeu John Thornton com frieza.

- Bem - disse Matthewson, devagar e pausadamente, de modo que todos o ouvissem. - Aposto mil dólares que ele não

consegue. Aqui estão!

Com estas palavras arremessou uma bolsa de pó de ouro do tamanho de um salpicão para cima do balcão. Ninguém falou. A fanfarronada de Thornton, se fanfarronada era, fora desafiada. Ele sentiu uma onda de sangue subir-lhe ao rosto. Perdera-se pela língua. Não sabia se *Buck* seria capaz de fazer arrancar 500 kg. Meia tonelada! A enormidade da idéia esmagava-o. Tinha uma grande fé na força do seu cão e muitas vezes o julgara capaz de se haver com uma tal carga, mas nunca até então se tinha visto obrigado a encarar essa possibilidade. Sentia os olhos de uma dúzia de homens silenciosos e expectantes fixos nele! Além disso, nem e ele, nem Hans, nem Pete tinham mil dólares.

- Tenho um trenó à porta neste momento, com vinte sacos de farinha de vinte e cinco quilos cada um - insistiu Matthewson, com uma franqueza brutal. - Não seja esse o problema...

Thornton não respondeu. Não sabia o que dizer. Ficou olhando para os rostos em volta com a expressão ausente de um homem que perdeu a faculdade de pensar e procura qualquer coisa capaz de a devolver. O rosto de Jim O'Brien, homem abastado e velho companheiro, chamou-lhe a atenção. Foi como que uma deixa que o encorajasse a fazer algo que normalmente nem se atreveria a

sonhar.

- Pode me emprestar mil dólares? - perguntou, quase num sussurro.

- Claro! - respondeu O’Brien, deixando cair uma bolsa imponente ao lado da de Matthewson. - Embora não acredite muito, John, que o bicho faça a coisa.

Os ocupantes do Eldorado espalharam-se pela rua, a fim de assistir à prova. As mesas esvaziaram-se, jogadores e banqueiros saíram para ver o resultado da aposta e fazer os seus próprios palpites. Centenas de homens, embrulhados em peles e com luvas

nas mãos, amontoaram-se a pequena distância do trenó. Este, carregado com quinhentos quilos de farinha, estava parado havia algumas horas e, no frio intenso (sessenta graus abaixo de zero), os patins haviam ficado firmemente soldados à neve solidificada. Os homens apostavam dois contra um em como *Buck* não conseguiria soltar o trenó. Debatia-se a expressão “soltar o trenó”. O’Brien era de opinião que Thornton tinha o direito de libertar os patins, deixando ao cão a tarefa de saltá-lo a partir da imobilidade total. Matthewson insistia que a expressão implicava destravar os patins

da neve endurecida. A maioria dos homens que tinham testemunhado a aposta votaram a seu favor e as probabilidades subiram para três para um contra *Buck.*

Ninguém aceitava apostar nele. Nem um só homem o considerava capaz de tal feito. Thornton fora pressionado a apostar, cheio de dúvidas, agora que olhava o trenó, com habitual equipagem de dez cães enrolados na neve à sua frente, esta realidade insofismável mais impossível lhe fazia parecer a tarefa. Matthewson rejubilava e proclamava:

- Três contra um! Aposto mais mil dólares nessa base, Thornton! Que diz?

As dúvidas de Thornton transpareciam-lhe no rosto, mas o seu espírito combativo fora desperto - o espírito combativo que se eleva acima das probabilidades, recusa admitir o impossível e não ouve senão o clamor da batalha. Chamou Hans e Pete. As suas bolsas eram magras e os três juntos não conseguiram mais do que duzentos dólares. No declínio que as suas fortunas atravessavam, essa soma era tudo o que possuíam, no entanto apostaram-na sem hesitar contra os seiscentos dólares de Matthewson. A equipagem de dez cães foi retirada e *Buck* atrelado ao trenó com o seu próprio arreio. Fora contagiado pela excitação geral e sentia que devia fazer

alguma coisa extraordinária por John Thornton. O seu esplêndido aspecto arrancou murmúrios de admiração. Estava em perfeita forma sem um só grama de carne supérflua, e os sessenta e oito quilos que pesava eram outros tantos quilos de virilidade e energia. O seu pêlo brilhava com o esplendor da seda. Mesmo em repouso parecia que os pêlos mais longos, que lhe cobriam o pescoço e as espáduas, se levantavam a cada movimento, como se o excesso de vigor se transmitisse a cada cabelo individual, dando-lhe vida própria. O largo peito e as sólidas patas dianteiras eram proporcionais ao resto do corpo, cujos músculos se viam rolar sob a pele. Alguns homens apalparam-nos e proclamaram-nos duros como aço, e as probabilidades desceram para dois contra um.

- Caramba, senhor! Caramba, senhor! - gaguejou um homem de Skookum Benches, verdadeiro rei da última dinastia de novos-ricos. - Ofereço-lhe oitocentos por ele senhor, antes da prova, senhor! Oitocentos aí onde o vê.

Thornton abanou a cabeça e caminhou para *Buck.*

- Tem que ficar longe dele - protestou Matthewson.

Liberdade e muito espaço.

A multidão ficou silenciosa, só as vozes dos jogadores se

faziam ouvir, propondo dois contra um em vão. Todos reconheciam em *Buck* um magnífico animal, mas vinte sacos de vinte e cinco quilos de farinha formavam, a seus olhos, um volume muito imponente para que se dispusessem a abrir os cordões das bolsas.

Thornton ajoelhou ao lado de *Buck.* Tomou-lhe a cabeça entre as mãos e encostou a sua face à dele. Não o balançou na brincadeira, como de costume, nem murmurou insultos amorosos, mas segredou-lhe ao ouvido:

- Por amor de mim, *Buck.* Por amor de mim!

Nada mais disse. *Buck* soltou um ganido de desejo contido.

A multidão olhava com curiosidade. O caso tornava-se misterioso, como uma conspiração. Quando Thornton se levantou, Buck agarrou a sua mão enluvada entre os dentes, comprimiu-a e soltou-a devagar, com relutância. Era a resposta, na sua linguagem sem palavras, na sua expressão de amor. Thornton recuou.

- Agora, *Buck !*

O cão esticou os tirantes, depois afrouxou-os alguns centímetros. Aprendera assim.

- Direita! - a voz de Thornton soou aguda no silêncio tenso.

Buck balançou para a direita, concluindo o movimento com um mergulho que esticou os tirantes em todo o comprimento e o

deteve com um tranco. A carga estremeceu e debaixo dos patins ouviu-se um rangido seco.

- Esquerda! - bradou Thornton.

O cão repetiu a manobra, agora para a esquerda. O estalido transformou-se no som de gelo quebrando o trenó deslizou sobre si mesmo, os patins derraparam e fugiram para a esquerda. O trenó estava solto. Os espectadores retinham a respiração sem se dar conta.

- Agora, VAI!

A ordem de Thornton soou como um tiro de pistola. Buck arremessou-se para frente, os tirantes ficaram tensos a ponto de estalar. O seu corpo arqueava no esforço tremendo, os músculos moviam-se e contorciam-se como se estivessem vivos sob o pêlo sedoso. O peito largo estava paralelo ao chão, a cabeça baixa e

estendida para frente, as patas voavam como loucas, as garras gravavam sulcos simétricos na neve endurecida. O trenó balançou e estremeceu, quase avançou. Uma das patas do cão escorregou e um homem gemeu alto. Então o trenó começou a guinar para frente, no que parecia uma rápida sucessão de trancos, sem mais se

imobilizar... um centímetro... dois centímetros... três centímetros... os trancos diminuíram visivelmente. À medida que o trenó embalava foram desaparecendo, até que o aparelho deslizou num movimento regular.

Os homens arquejavam e recomeçavam a respirar, sem saber que por momentos haviam deixado de fazê-lo. Thornton corria atrás do trenó, gritando alegres palavras de encorajamento. A distância tinha sido previamente medida e, enquanto *Buck* se aproximava da pilha de lenha que assinalava o fim dos cem metros, ergueu-se um bramido de aplauso que se transformou num rugido quando a meta foi passada e o cão parou à ordem de Thornton. Todos pulavam de entusiasmo, incluindo Matthewson. Chapéus e luvas voavam pelo ar. Apertavam-se mãos, não interessava de quem, e todos falavam ao mesmo tempo, numa incoerência de Babel.

Mas Thornton ajoelhou ao lado de *Buck*, cabeça contra cabeça, e balançou-o para a frente e para trás. Os que se aproximaram ouviram-no insultar Buck longamente, fervorosamente, com doçura e amor.

- Caramba, senhor! Caramba! - O rei de Skookum Benches berrava atabalhoadamente. - Dou-lhe mil por ele, senhor! Mil,

senhor... mil e duzentos, senhor!

Thornton pôs-se em pé. Tinha os olhos úmidos. As lágrimas corriam-lhe livremente pelas faces.

- Caro senhor - disse ele ao homem de Skookum -, não senhor. Pode ir para o diabo, caro senhor. É o melhor que posso fazer por você, caro senhor.

Buck agarrou a mão de Thornton entre os dentes. Thornton sacudia-o para um e outro lado. Como que dominados por um impulso comum, os espectadores recuaram para uma distância respeitosa. E não voltaram a cometer a indiscrição de interrompê-los.

O som do apelo

Ao ganhar mil e seiscentos dólares para John Thornton em cinco minutos, Buck permitiu que o seu dono pagasse algumas

dívidas e partisse com os seus sócios para leste, em busca de uma fabulosa mina perdida, cuja história era tão antiga como a história da região. Muitos a tinham procurado, poucos a tinham encontrado e não tão poucos como isso haviam desaparecido na sua busca. Essa mina perdida estava impregnada de tragédia e envolta em mistério. Ninguém sabia quem a encontrara, nem a mais antiga tradição chegava tão longe. Desde sempre que se falava de uma antiga e decrépita cabana que havia lá. Homens moribundos atestavam a verdade desse fato, assim como a existência da mina - cujo local era assinalado pela cabana - e fundamentavam os seus testemunhos com pepitas que não se assemelhavam a quaisquer outras conhecidas no Norte.

Mas nenhum homem vivo tinha acedido a esse tesouro, e os mortos, mortos estavam, portanto, John Thornton, Pete e Hans, com *Buck* e meia dúzia de outros cães, rumaram a leste por um trilho desconhecido, para tentar a sua sorte onde outros homens e outros

cães, não menos capazes que eles, haviam fracassado. Subiram o Yukon numa extensão de cento e dez quilômetros, tomaram a esquerda no rio Stewart, atravessaram o Mayo e o McQuestion e esperaram até o próprio Stewart estar reduzido a um riacho, abrindo caminho entre os altos picos que formam a espinha dorsal do continente.

John Thornton pouco pedia aos homens ou à natureza. Não receava a floresta. Uma mão-cheia de sal e uma espingarda eram quanto lhe bastava para mergulhar no rio desconhecido e sobreviver onde lhe apetecesse, por quanto tempo quisesse. Sem pressa, à moda dos índios, caçava o seu jantar durante o percurso diário e quando falhava continuava o seu caminho, tal como os índios, com a certeza de que, mais tarde ou mais cedo, haveria de encontrá-lo. Assim, nessa longa viagem rumo a leste a ementa consistia em carne fresca. O trenó levava principalmente munições e ferramentas e o limite de tempo era o futuro ilimitado.

Buck deliciava-se com essa vida passada a caçar, pescar e perambular indefinidamente por lugares desconhecidos. Ora avançavam continuamente, dia após dia, durante semanas seguidas, ora acampavam aqui e ali, semanas sem fim, os cães vagueando, os homens abrindo buracos através de lixo e cascalho

congelados e peneirando quantidades imensas de terra ao lado da fogueira. Umas vezes tinham fome, outras se banqueteavam desenfreadamente, dependendo da abundância de presas e da sorte da caça. O Verão chegou e cães e homens, com a bagagem às costas, atravessaram de jangada os lagos azuis das montanhas,

subiram e desceram rios desconhecidos, navegando em esbeltos barcos feitos à mão com a madeira das árvores da floresta.

Os meses iam passando e eles iam perambulando, para trás e para diante, na vastidão inexplorada onde não se viam agora homens mas onde estes já tinham estado, a acreditar na lenda da cabana perdida. Atravessaram ravinas sob tempestades de Verão, tiritaram sob o sol da meia-noite em montanhas nuas, entre a linha da floresta e as neves eternas, desceram a vales de Verão por entre enxames de moscas e mosquitos e colheram, à sombra dos glaciais, morangos e flores tão maduros e belos como os que faziam o orgulho das terras do Sul. Pelo Outono penetraram numa estranha região de lagos, triste e silenciosa, por onde haviam passado galinholas, mas onde já não restava qualquer espécie de vida - os primeiros gelos formavam-se em lugares protegidos e apenas se

ouvia o assobio de ventos gelados e o melancólico quebrar das ondas em praias solitárias.

Passaram mais um Inverno caminhando pelos trilhos apagados de homens que aí tinham vagueado outrora. Um dia encontraram uma pista marcada nas árvores ao longo da floresta, uma pista antiga, e a cabana perdida pareceu-lhes muito próxima. Mas a pista não tinha principio nem fim e conservou o mistério que partilhava com o homem que a traçara e a razão por que o fizera.

Em outra ocasião deram com as ruínas de um refúgio de caça, enterradas pelo tempo , e John Thornton encontrou o fecho de pederneira de uma espingarda entre os restos de cobertores apodrecidos. Identificou-a como sendo uma arma da Hudson Bav Company, dos primeiros tempos do Noroeste, quando uma dessas armas valia a sua altura em peles de castor bem acamadas. E, era tudo - não havia qualquer indicação sobre o homem que em tempos idos ali havia construído um abrigo e deixado a arma entre os cobertores.

A Primavera voltou, no fim de toda essa caminhada encontraram, não a cabana perdida mas um aluvião aurífero pouco profundo num vale largo onde o ouro encontrado parecia uma camada de manteiga no fundo das peneiras. Não procuraram mais.

Cada dia de trabalho rendia-lhes milhares de dólares em pó e pepitas e eles trabalhavam todos os dias. Guardavam o ouro em bolsas de pele de alce, vinte e cinco quilos por saco, e os sacos empilhavam-se como lenha ao lado da cabana feita de ramos de abeto. Trabalhavam quais gigantes aumentando o seu tesouro, por dias e dias que se sucediam como sonhos.

Os cães nada tinham para fazer, exceto acarretar de quando em vez a carne que Thornton caçava, *Buck* passava horas

esquecidas, absorto, à luz da fogueira. A visão do homem peludo de pernas curtas voltava-lhe com maior freqüência agora que pouco trabalho o ocupava e muitas vezes, pestanejando perto do fogo, caminhava com ele por esse mundo distante que recordava.

A coisa mais notável nesse outro mundo parecia ser o medo. Quando via o homem peludo dormir ao lado da fogueira, com a cabeça entre os joelhos e as mãos crispadas sobre o cabelo, *Buck* notava que ele dormia inquieto, acordava assustado e erguia-se diversas vezes para perscrutar a escuridão e colocar mais lenha no fogo. Se caminhavam à beira-mar, onde o homem ia recolhendo e comendo crustáceos, era com olhos que nunca paravam, sempre em busca de qualquer perigo oculto e com pernas prontas a correr,

como o vento, ao primeiro sinal. Atravessavam a floresta sem ruído *e Buck* ia colado aos calcanhares do homem peludo, cada um tão alerta e vigilante como o outro, ambos de orelhas atentas e narinas frementes, porque o homem tinha ouvido e faro tão apurados como o cão. Aquele homem peludo era capaz de saltar para as árvores e avançar por elas tão depressa como pelo chão, balançando os braços de ramo em ramo - saltando por vezes distâncias superiores a três metros -, largando-os e logo os agarrando, nunca caindo, nunca falhando a mão. De fato parecia tão à vontade nas árvores como no chão e *Buck* recordava noites de vigília passadas debaixo das ramadas onde o homem peludo, empoleirado, dormia.

Parecido com as visões do homem peludo era o apelo que soava nas profundezas da floresta. Enchia-o de inquietação, de estranhos desejos. Provocava-lhe uma alegria vaga e doce, a consciência de uma agitação selvagem e de ansiar não sabia o quê. Por vezes, seguia o apelo, internando-se na floresta, procurando-o como se fosse uma coisa palpável, ladrando suavemente ou em tom de desafio, conforme o seu humor. Enterrava o nariz no musgo frio, no solo negro onde cresciam ervas altas e aspirava com prazer os odores ricos da terra, agachava-se horas a fio, como se estivesse escondido, atrás de troncos de árvores caídas, cobertas de fungos,

com olhos e ouvidos atentos a tudo o que se movia e ouvia em redor. Talvez esperasse surpreender, assim escondido, aquele apelo que não compreendia. Mas não sabia por que fazia todas essas coisas. Era impelido a fazê-las e não procurava razões.

Era tomado por impulsos irresistíveis. Podia estar estendido no acampamento, cochilando preguiçosamente no calor do dia, e, de repente, a cabeça erguia-se, as orelhas levantavam-se, fitas e atentas, e ele punha-se em pé de um salto e largava a correr, sempre para frente, horas a fio, pelos caminhos da floresta e através das clareiras onde os animais se juntavam. Adorava descer leitos de

ribeiros secos e ocultar-se a espiar a vida das aves nos bosques. Era capaz de passar um dia inteiro escondido na vegetação rasteira de onde podia ver as perdizes bicando e a pavoneando-se de um lado para o outro. Mas adorava muito especialmente correr - ao crepúsculo pálido das meias-noites de Verão -, ouvindo os murmúrios abafados e sonolentos da floresta, lendo sinais e sons como um homem pode ler um livro e buscando a coisa misteriosa que o chamava, chamava, no sono e na vigília, o chamava sempre.

Uma noite acordou sobressaltado, olhos ansiosos, narinas

frementes, o pêlo eriçando-se em ondas contínuas. Da floresta vinha o apelo (ou uma das suas notas, porque o apelo percorria toda uma escala), distinto e definido como nunca até então acontecera - um uivo longo, semelhante e no entanto diferente do som emitido pelos cães *huskies.* Ele reconheceu-o, pelo modo que se tornara familiar, como algo que já ouvira antes. Deixou o acampamento adormecido e correu silenciosamente pelos bosques. Foi reduzindo o andamento, aproximando-se do som com movimentos cautelosos, até que chegou a uma clareira e viu um lobo cinzento, comprido e magro. Estava reto, apoiado sobre os quadris e apontava o nariz ao céu.

Não fizera qualquer ruído, no entanto o lobo suspendeu o uivo e tentou farejar a sua presença. *Buck* avançou para o espaço aberto, o corpo agachado contraído numa forma compacta, a cauda rígida e reta, as patas pisando com especial cuidado. Cada movimento exprimia uma mistura de ameaça e de amizade oferecida. Era a trégua combativa, que pauta o encontro de dois predadores selvagens. Mas o lobo fugiu ao vê-lo. *Buck* seguiu-o, dando grandes saltos, num frenesi para ultrapassá-lo. Desviou-o para um beco sem saída, no leito de um ribeiro onde um emaranhado de toros barrava o caminho. O lobo voltou-se, rodando

sobre as patas traseiras tal como Joe ou qualquer husky encurralado, rosnou e eriçou o pêlo, batendo os dentes numa rápida sucessão de dentadas.

Buck não atacou, girou em volta dele, cercando-o de movimentos amistosos. O lobo estava desconfiado e assustado, porque o cão tinha três vezes o seu peso e ultrapassava-o uma boa cabeça em altura. Espreitando uma oportunidade, fugiu de novo e a perseguição recomeçou. De quando em vez era encurralado e a cena repetia-se. Estava em más condições, caso contrário *Buck* não conseguiria alcançá-lo com tanta facilidade. Corria até a cabeça do cão estar a par com o seu flanco, virava-se na defensiva e voltava a escapar na primeira oportunidade.

Por fim, a persistência de *Buck* foi recompensada: concluindo que as suas intenções não eram más, o lobo acabou por aceder em roçar o nariz no dele. Fizeram então amizade e brincaram, com os gestos nervosos, algo tímidos, com que os animais ferozes desmentem a sua ferocidade. Decorrido algum tempo, o lobo afastou-se num passo elástico, de uma forma que mostrava claramente que tinha um lugar de destino. Deu a entender a *Buck* que este devia acompanha-lo e correram lado a lado no

crepúsculo sombrio, subiram o leito do ribeiro até à nascente e atravessaram a bacia que o alimentava.

Chegados à margem oposta encontraram-se num terreno plano, com grandes extensões de floresta e diversas torrentes, e por aí seguiram numa passada regular, hora após hora, enquanto o Sol subia cada vez mais alto e o dia aquecia. *Buck* sentia uma extraordinária alegria. Sabia que estava por fim correspondendo ao apelo, correndo ao lado do seu irmão do bosque em direção ao lugar de onde ele provinha. A memória antiga voltava-lhe em catadupas, turbando-o como antes o turbavam as realidades de que essa memória era a sombra. Já tinha feito aquilo, em algum lugar naquele outro mundo que recordava obscuramente, e fazia-o agora de novo: corria em liberdade pelo espaço aberto, com a terra solta sob os pés e o vasto céu sobre a cabeça.

Pararam num regato para beber e Buck lembrou-se de John Thornton. Sentou-se. O lobo avançou em direção ao lugar de onde provinha o apelo, voltou atrás, roçou o nariz no seu e tomou atitudes encorajadoras. Mas *Buck* fez meia volta e partiu lentamente sobre os seus passos. O irmão selvagem correu a seu lado perto de uma hora, ganindo com suavidade. Depois sentou-se, apontou o nariz ao céu e uivou. Foi um uivo lamentoso. Ao prosseguir o seu caminho,

Buck ouviu-o esmorecer até que se perdeu na distância.

John Thornton estava jantando quando o cão irrompeu pelo acampamento e saltou para ele num frenesi de afeto, fazendo-o cair, trepando por cima dele, lambendo-lhe o rosto, mordendo-lhe a mão - fazendo figura de bobo, nas palavras do dono, que o balançava e insultava amorosamente.

Nos dois dias e noites que se seguiram, *Buck* não saiu do acampamento, nunca perdeu Thornton de vista. Seguia-o enquanto ele trabalhava, via-o comer, deitar-se nos cobertores à noite e levantar-se de manhã. Mas ao fim de dois dias, o apelo da floresta tornou-se mais imperioso que nunca. A sua inquietação regressou e ele viu-se perseguido por recordações do irmão selvagem e da terra risonha do outro lado da bacia, da corrida lado a lado através das amplas extensões de floresta. Voltou a perambular pelos bosques,

mas o irmão selvagem não apareceu e, embora ele gastasse longas vigílias à escuta, não voltou a ouvir o uivo lamentoso.

Começou a dormir fora, passando dias seguidos longe do acampamento, e uma vez atravessou a bacia a montante do ribeiro e entrou na terra das árvores e das torrentes. Aí vagueou uma

semana, procurando em vão sinais do seu irmão selvagem, caçando para comer enquanto caminhava e caminhando com o passo longo e elástico que parecia não conhecer fadiga. Pescou salmões numa torrente larga que desaguava em algum lugar no mar e, perto da mesma torrente, matou um grande urso preto que fora cego pelos mosquitos ao pescar e corria enfurecido pela floresta, impotente e terrível. Apesar disso, foi uma dura luta, que completou a ressurreição da ferocidade latente em *Buck.* Dois dias mais tarde, quando regressou junto da sua presa e encontrou uma dúzia de texugos disputando-a, dispersou-os como moscas e os fugitivos deixaram atrás de si dois companheiros que nada mais poderiam disputar.

O desejo de sangue tornou-se mais forte que nunca. Era um matador, um predador que se alimentava de criaturas vivas, independente e solitário, que triunfava pela sua força e coragem num ambiente hostil onde só os fortes sobreviviam. Adquiriu por isso um grande orgulho em si próprio, que se comunicava contagiosamente a todo o seu ser físico. Era patente em cada movimento, transparecia no jogo de cada músculo, estava escrito no seu porte, tornava o seu glorioso pêlo ainda mais glorioso. Não fora o tom castanho do seu focinho e da cabeça e a mancha de pêlo

branco que lhe corria ao longo do peito, poderia ser tomado por um lobo gigantesco, maior que o maior exemplar da espécie. Do seu pai são-bernardo tinha herdado o peso e a corpulência, mas fora a sua mãe - cão-pastor que lhe dera a forma. O seu longo focinho era o de um lobo, mas maior que o de qualquer lobo, e a sua cabeça, um tanto mais larga, era a cabeça. de um lobo, numa escala maior.

A sua astúcia era a astúcia selvagem dos lobos, a sua inteligência combinava a de um cão-pastor e de um são-bernardo e essas características, acrescidas da experiência adquirida na mais feroz das escolas, transformavam-no numa das mais formidáveis criaturas da selva. Carnívoro, desabrochava com uma dieta exclusiva de carne, estava no apogeu da vida, transbordava de vigor e virilidade. Quando a mão de Thornton lhe deslizava pelo dorso numa carícia, era seguida pelo zumbido do magnetismo reprimido em cada cabelo, que se descarregava ao seu contato. Cada órgão, nervo, tecido ou fibra, estava afinado com exatidão e todos perfeitamente equilibrados e ajustados entre si. Reagia com a

rapidez do relâmpago a qualquer objeto, som ou acontecimento que exigisse ação. Por muito rápido que fosse o salto de defesa ou ataque dos *huskies,* o seu era duas vezes mais veloz. Via o

movimento ou ouvia o som e reagia em menos tempo que aquele de que outro cão necessitava para compreender o que via ou ouvia. Buck observava, decidia e agia no mesmo instante. De fato, os três atos de observar, decidir e agir eram seqüenciais, mas os espaços de tempo entre eles eram de tal modo infinitesimais que pareciam simultâneos. Os seus músculos estavam sobrecarregados de vitalidade e saltavam para a ação num momento, como molas de aço, A vida tumultuava nele numa torrente esplêndida, alegre e impetuosa, a ponto de parecer que o ia fazer explodir de puro êxtase e derramar-se generosamente pelo mundo.

- Nunca houve um cão assim - declarou John Thornton um dia em que os três companheiros observavam Buck caminhando, imponente, para fora do acampamento.

- Depois de feito, partiu-se o molde - corroborou Pete.

- Com a breca, também acho! - afirmou Hans.

Viram-no sair do acampamento, mas não viram a transformação terrível e imediata que se operou nele assim que desapareceu no coração da floresta. O modo de andar modificou-se. Tornou-se imediatamente uma criatura da selva, avançando suavemente com um pisar felino, esquivo como uma sombra que aparecesse e desaparecesse entre as sombras. Sabia como tirar

partido de cada acidente do terreno, como rastejar sobre o ventre como uma serpente e, tal como a serpente, saltar e atacar. Era capaz de arrancar uma ptarmiga do seu ninho, de surpreender uma lebre no sono e de apanhar em pleno ar os pequenos esquilos que procuravam o refúgio das árvores com um escasso segundo de atraso. Os peixes nos lagos abertos não eram muito rápidos para ele, nem os castores que arranjavam as suas represas muito cautelosos. Matava, não por prazer, mas para comer, pois preferia comer a sua própria caça. Um misterioso humor manifestava-se nos seus atos: deliciava-se a surgir de surpresa aos esquilos, fazia menção de apanhá-los e deixava-os depois fugir - chilreando num susto de morte -- para o topo das árvores.

Com o Outono chegaram os alces em grande número, migrando lentamente para sul para enfrentar o inverno nos vales mais baixos e menos rigorosos. *Buck* já tinha abatido um novilho tresmalhado, mas ansiava por uma presa maior e mais temível e encontrou-a um dia na bacia da nascente do ribeiro. Uma manada de vinte alces tinha chegado das terras de árvores e torrentes e entre eles havia um macho enorme. Estava com uma disposição

feroz e, com os seus dois metros de altura, era um antagonista tão formidável quanto Buck podia desejar. O alce agitava de um para outro lado os seus grandes chifres espalmados, que se abriam em catorze pontas e ultrapassavam os dois metros de envergadura nas extremidades. Os seus pequenos olhos chisparam com um brilho cruel e amargo quando bramiu com fúria à vista de *Buck.*

Do flanco do alce, logo a seguir à espádua, emergia o cabo emplumado de uma seta, o que explicava a sua ferocidade. Guiado por aquele instinto que provinha dos velhos dias de caça no mundo primitivo, Buck tratou de afastar o animal da manada. Não era tarefa fácil: ladrava e dançava à frente dele, no limite do alcance dos grandes chifres e dos terríveis cascos achatados que podiam matá-lo de um só golpe. A impossibilidade de virar costas àquele perigo de caninos aguçados e prosseguir o seu caminho levava o alce a paroxismos de raiva, carregava então e Buck recuava com astúcia, atraía-o simulando não poder escapar. Mas mal conseguia afastar o grande macho dos seus companheiros por esse processo, dois ou três alces mais jovens carregavam também sobre o cão, permitindo que o animal ferido se juntasse de novo à manada.

Há uma paciência da selva - obstinada, incansável,
persistente como a própria vida - que imobiliza horas sem fim a

aranha na sua teia, a serpente nos seus anéis, a pantera na sua emboscada. Essa paciência é particularmente notável no ser que caça o seu alimento vivo - e era com ela que *Buck* se armava para permanecer nos flancos da manada, retardando-lhe a marcha, irritando os machos jovens, enchendo as fêmeas de preocupação pelos vitelos e levando o alce ferido à loucura da fúria impotente. Assim decorreu metade do dia. Buck multiplicava-se, atacava por todos os lados, envolvia a manada num turbilhão ameaçador, afastava a sua vítima mal ela se juntava aos companheiros, desgastava a sua paciência de caçados, que é sempre inferior à dos caçadores.

À medida que o dia se extinguia e o Sol baixava sobre o horizonte a noroeste (a escuridão voltara e as noites de Outono duravam seis horas), os machos jovens mostravam uma crescente relutância em voltar atrás em defesa do seu chefe assediado. O Inverno próximo empurrava-os para os pastos mais baixos e parecia que nunca iriam se livrar daquela criatura incansável que lhes retardava a marcha. Além disso, não era a vida da manada que estava ameaçada, nem a dos machos jovens. Uma única vida era exigida e isso importava menos que as vidas de todos, acabaram por pagar o preço de boa vontade.

Ao cair do crepúsculo, o velho macho contemplava, de cabeça baixa, os seus companheiros - as fêmeas que conhecera, os vitelos que gerara, os machos que dominara afastando-se em passo rápido, na luz que esmorecia. Não podia segui-los, porque à sua frente saltava o terror impiedoso de caninos aguçados que o não deixava em paz. Pesava bem mais de meia tonelada, tinha vivido uma vida longa e robusta, plena de lutas e batalhas e no fim enfrentava a morte que lhe chegava através dos dentes de uma criatura cuja cabeça não ultrapassava os seus joelhos nodosos.

Daí em diante, noite e dia, *Buck* não mais deixou a sua presa, não lhe concedeu um só momento de descanso, não lhe permitiu pastar as folhas das árvores nem os tenros rebentos dos vidoeiros e salgueiros. Também não consentiu que o alce ferido mitigasse a sede ardente nas finas correntes de água que gotejavam no seu percurso. Por vezes, desesperado, o alce lançava-se em fuga. *Buck* não tentava detê-lo, limitava-se a seguir facilmente na sua esteira, satisfeito com o jogo que jogavam, deitando-se quando o alce parava, atacando-o ferozmente quando ele tentava comer ou beber.

A grande cabeça pendia cada vez mais baixa sob os galhos

dos chifres e o trote trôpego enfraquecia sem cessar. O alce principiou a parar por longos períodos, com o nariz no chão e as orelhas pendendo desconsoladas, e *Buck* teve mais tempo para encontrar água para si próprio e repousar. Nessas ocasiões, enquanto arquejava com a língua vermelha de fora e os olhos fixos no grande bovino, parecia-lhe que a face das coisas estava mudando. Sentia uma agitação nova na região. Outras formas de vida tinham chegado, seguindo a migração dos alces. Floresta, água e ar pareciam palpitar com a sua presença. A novidade não se revelava através da vista, do ouvido ou do olfato, mas através de um outro sentido mais sutil, Não ouvira nem vira nada de extraordinário, mas sabia que a região estava de algum modo diferente, que novas coisas se erguiam e instalavam nela. Resolveu investigar assim que concluísse a tarefa que tinha entre mãos.

Por fim, ao cair do quarto dia, abateu o grande alce. Passou um dia e uma noite ao lado da carcaça, comendo e dormindo, dormindo e comendo. Depois, sentindo-se repousado, retemperado e robusto, rumou direito ao acampamento e a John Thornton. Caminhava com o passo longo e fácil e continuou, hora após hora, sem nunca se perder no caminho emaranhado, avançando direto para casa através de terreno desconhecido com uma segurança que

envergonharia o homem e a sua agulha magnética.

A consciência de uma agitação nova na região tornava-se mais premente à medida que a ia percorrendo. Nela se movimentava vida que lá não estivera durante o Verão. Já não se tratava de uma intuição misteriosa e sutil, mas sim de um fato. As aves falavam nele, os esquilos chilreavam sobre ele, a própria brisa o soprava. Parou diversas vezes para farejar o ar fresco da manhã em grandes tragos, lendo nele uma mensagem que o fazia correr cada vez mais depressa. Oprimia-o uma sensação de calamidade talvez já consumada e quando atravessou o último curso de água, chegando ao vale próximo do acampamento, principiou a caminhar com maior precaução.

Percorridos cinco quilômetros encontrou uma pista fresca que lhe fez eriçar o pêlo do pescoço. A pista conduzia diretamente ao acampamento e a John Thornton. Buck apressou-se, veloz e dissimulado, com todos os nervos tensos, atento à multidão de detalhes que lhe contavam uma história da qual só não sabia o fim. O seu nariz dava-lhe uma descrição diversificada da passagem da vida que ele perseguia. Notou o silêncio pesado da floresta. Os

pássaros tinham fugido. Os esquilos haviam se escondido. Viu apenas um: era um sujeito cinzento e macio que se achatara contra um tronco seco cinzento, de tal modo que parecia fazer parte dele, ser uma excrescência lenhosa da própria madeira.

Buck deslocava-se como uma sombra escorregadia quando o seu nariz se voltou subitamente para o lado, como se tivesse sido agarrado e puxado por uma força consciente. O novo cheiro conduziu-o até um matagal onde encontrou Nig. Estava deitado de lado, morto no lugar para onde se arrastara, com uma seta emplumada cravada de cada lado do seu corpo.

Cem metros mais adiante, deu com o corpo de um dos cães de trenó que Thornton comprara em Dawson. O cão revolvia-se no caminho, no estertor da morte, e *Buck* passou por ele sem parar. Do acampamento chegava o som abafado de muitas vozes, que subiam e desciam numa espécie de cântico. Ao rastejar em direção à clareira deparou com Hans, deitado de barriga para baixo, eriçado de setas como um porco espinho. No mesmo instante olhou para o lugar onde antes estava a cabana de ramos de abeto e viu algo que lhe pôs o pêlo do pescoço e espáduas em pé. Foi tomado por uma onda incontrolável de cólera. Rosnou alto com uma ferocidade imensa, sem se dar conta do que fazia. Pela última vez na sua vida

consentiu que a paixão se sobrepusesse à astúcia e à razão e foi pelo seu grande amor por John Thornton que perdeu a cabeça.

Os yeehats dançavam em torno dos destroços da cabana de ramos de abeto quando ouviram um rugido assustador e viram um

animal, que não se parecia com nenhum outro que eles conhecessem, precipitar-se para eles. Era Buck, verdadeiro furacão enfurecido, que se arremessava num frenesi de destruição. Atirou-se ao homem da frente (era o chefe dos *yeehats)* e rasgou-lhe a garganta, de cuja jugular estralhaçada jorrou um rio de sangue. Não se deteve na sua vítima, feriu passando e abriu no salto seguinte a garganta de um segundo homem. Era impossível enfrentá-lo. Mergulhou entre os índios, rasgando, lacerando, destruindo, num movimento constante e terrível que desafiava as setas descarregadas sobre ele. De fato, os seus movimentos eram tão inconcebivelmente rápidos e os índios estavam de tal modo próximos, que se feriam uns aos outros.

Um jovem caçador, tentando acertar *Buck* no meio de um salto, cravou a arma no peito de um dos seus companheiros com tal força que a ponta saiu pelas costas do homem ferido. O pânico dominou então os *yeehats,* que fugiram aterrorizados para o

bosque, proclamando o advento do espírito mau.

Buck era uma verdadeira encarnação do inimigo, perseguindo os índios e abatendo-os como veados enquanto eles corriam entre as árvores. Aquele foi um dia fatal para *os yeehats.* Dispersaram em todas as direções e só uma semana mais tarde os últimos sobreviventes se reuniram num vale a sul e contaram as suas baixas. Quanto a *Buck,* cansado da perseguição, regressou ao acampamento, desolado. Encontrou Pete no lugar onde o tinham morto, surpreendido ainda entre os cobertores.

A luta desesperada de Thornton estava escrita na terra, e o cão farejou cada pormenor até à beira de um charco profundo. Aí tombara *Skeet,* com a cabeça e as patas dianteiras dentro de água, fiel até ao fim. O charco, que o trabalho das calhas tinha tornado descolorido e lamacento, escondia eficazmente o seu conteúdo, que não era senão John Thornton. *Buck seguira* a pista até à água e não encontrara sinais além dela.

Passou o dia, ora cismando à beira do charco ora perambulando inquieto pelo acampamento. Conhecia a morte, como ausência de movimento, como passagem para longe das vidas dos que viviam, e sabia que John Thornton estava morto. Deixava um grande vazio dentro dele, semelhante ao da fome, mas que doía,

doía e a comida não conseguia preencher. Por vezes, quando parava para contemplar os corpos dos *yeehats,* esquecia a dor e tinha consciência de um grande orgulho em si próprio, um orgulho como nunca antes experimentara. Matara o homem, a mais nobre das caças, e fizera-o à face da lei do bastão e das presas. Farejava os corpos com curiosidade. Tinham morrido tão facilmente. Era mais

difícil matar um *hiísk.* Não fora as suas setas, lanças e bastões e não estariam à sua altura. Daí em diante não os temeria, a menos que empunhassem as suas setas, as suas lanças, os seus bastões.

A noite caiu e a lua cheia ergueu-se bem acima das copas das árvores, subindo no céu até que a sua luz banhou a terra num dia fantasmagórico. Cismando e carpindo à beira do charco ao cair da noite, *Buck* sentiu a agitação de uma nova vida na floresta, diferente da que os *yeehats* tinham trazido. Levantou-se, escutando e farejando. Ao longe soava um uivo fraco e agudo, logo seguido de um coro de uivos igualmente agudos. Aproximavam-se, tornavam-se mais nítidos. Mais uma vez *Buck* os reconheceu como algo que ouvira nesse outro mundo que trazia na memória. Dirigiu-se ao centro da clareira e escutou. Era o apelo, o apelo de múltiplas notas,

que soava mais atraente e irresistível do que nunca. E, como nunca até então, *Buck* estava pronto a obedecer. John Thornton morrera, rompera-se o último laço. O homem e as suas pretensões não o prendiam mais.

Caçando como os *yeehats* o seu alimento vivo nos flancos das manadas de alces em migração, a alcatéia tinha finalmente partido da terra de árvores e torrentes e invadido o vale de Buck. Derramou-se como uma enchente prateada pela clareira banhada de luar, no centro da qual *Buck* a esperava imóvel como uma estátua. O seu tamanho e a sua imobilidade impressionaram os lobos, que pararam por um momento, até que o mais corajoso atacou. *Buck* partiu-lhe o pescoço com a rapidez do relâmpago e voltou a imobilizar-se, enquanto o lobo ferido rolava agonizando atrás de si, Três outros lobos tentaram a sua sorte, em rápida seqüência, acabando por recuar, um após outro, escorrendo sangue de gargantas ou espáduas rasgadas. Era quanto bastava para que toda a alcatéia avançasse, densa e desordenada, bloqueada e confusa na sua ânsia de abater a presa. Valeram a *Buck* a sua maravilhosa rapidez e agilidade. Rodando sobre as patas traseiras, mordendo e cortando, estava em toda a parte ao mesmo tempo, apresentava-se sempre de frente, pois tão depressa se voltava e

defendia de um lado como do outro. Mas a necessidade de evitar que o atacassem pelas costas o fez recuar para lá do charco e ao longo do leito do ribeiro, até que encontrou um talude alto de cascalho. Procurou uma reentrância feita pelos homens no decurso do seu trabalho e aí se abrigou, protegido por três lados, tendo apenas a frente para defender.

E tão bem a defendeu que ao fim de meia hora os lobos recuaram descompostos. Todos tinham a língua pendente brilhavam com uma brancura cruel ao luar. Alguns, deitados, mantinham as

cabeças erguidas e as orelhas fitas, outros permaneciam de pé e observavam-no, outros, ainda, bebiam água no charco. Um lobo, comprido, esbelto e cinzento, adiantou-se cautelosamente, exibindo uma atitude amistosa, e *Buck* reconheceu o irmão selvagem com o qual correra uma noite e um dia. Gania baixinho e, quando Buck ganiu em resposta, roçaram os narizes.

Avançou então um lobo velho, descarnado e coberto de cicatrizes. Buck arreganhou os lábios num preliminar de rosnado, mas roçou o nariz com ele. Feito isto, o velho lobo sentou-se, ergueu o focinho à Lua e lançou o longo uivo da sua espécie. Todos os lobos se sentaram e uivaram e o apelo chegou a *Buck*, em tons

inconfundíveis. Também ele se sentou e uivou. Terminado este rito, saiu da sua reentrância e a alcatéia juntou-se em seu redor, cheirando-o, meio amistosa, meio selvagem. Os chefes soltaram o grito da alcatéia e partiram em direção ao bosque. Os outros lobos seguiram, uivando em coro. E *Buck* correu e uivou com eles, lado a lado com o irmão selvagem.

Acabemos assim a história de *Buck.*

Não se passaram muitos anos até os *yeehats* notarem alterações na raça dos lobos cinzentos: viam-se alguns com manchas castanhas na cabeça e no focinho e com uma lista branca ao longo do peito. Mas mais notável ainda é a lenda que os *yeehats,* contam de um cão-espírito que corre à frente da alcatéia. Eles temem este cão-espírito, porque é mais astuto que eles, rouba-lhes os acampamentos nos Invernos mais duros, assalta-lhes as armadilhas, mata-lhes os cães e desafia os seus mais bravos caçadores.

Não, a lenda é pior ainda. Caçadores há que não regressam ao acampamento e caçadores houve que foram encontrados pela tribo com as gargantas cruelmente rasgadas, tendo na neve em seu redor pegadas de lobo maiores que as de qualquer lobo. E há um vale onde os *yeehats* nunca passam, quando seguem a migração de

Outono dos alces. E algumas mulheres entristecem quando se fala, em volta do fogo, de como o espírito mau escolheu aquele vale para sua morada.

Todos os Verões, no entanto, chega a esse vale um visitante de que os *yeehats* não têm conhecimento. É um lobo grande, com um pêlo glorioso, igual e no entanto diferente de todos os outros lobos. Vem sozinho da terra risonha das florestas e desce até uma clareira aberta entre as árvores. Aí, uma torrente amarela escorre de um monte de sacos de pele de alce apodrecidos e afunda-se na terra, com ervas altas crescendo através dela e o húmus a cobri-la, escondendo do Sol o seu tom amarelo. E aí o lobo passa algum

tempo, cismando, soltando um longo e lamentoso uivo antes de partir.

Mas esse lobo nem sempre está só. Quando chegam as longas noites de Inverno e os lobos perseguem o seu sustento até aos vales do Sul, ele pode ser visto correndo à frente da alcatéia, envolto no luar pálido ou no brilho das auroras boreais, sobressaindo entre os seus companheiros como um gigante, a garganta ressonante ao cantar a canção do mundo jovem que é a

canção da alcatéia.

FIM

71













Este livro foi distribuído cortesia de:

Para ter acesso próprio a leituras e ebooks ilimitados GRÁTIS hoje, visite:

http://portugues.Free-eBooks.net

Compartilhe este livro com todos e cada um dos seus amigos automaticamente,

selecionando uma das opções abaixo:

Para mostrar o seu apreço ao autor e ajudar os outros a ter

experiências de leitura agradável e encontrar informações valiosas,

nós apreciaríamos se você

"postar um comentário para este livro aqui" .

Informações sobre direitos autorais

Free-eBooks.net respeita a propriedade intelectual de outros. Quando os proprietários dos direitos de um livro enviam seu trabalho para Free-eBooks.net, estão nos dando permissão para distribuir esse material. Salvo disposição em contrário deste livro, essa permissão não é passada para outras pessoas. Portanto, redistribuir este livro sem a permissão do detentor dos direitos pode constituir uma violação das leis de direitos autorais. Se você acredita que seu trabalho foi usado de uma forma que constitui uma violação dos direitos de autor, por favor, siga as nossas Recomendações e Procedimento de reclamações de Violação de Direitos Autorais como visto em nossos Termos de Serviço aqui:

http://portugues.free-ebooks.net/tos.html